

2014

PÚBLICO – POLICIÁRIO CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

CLUBE DE DETECTIVES
DANIEL FALCÃO (ORG.)

<http://clubededetectives.net>

FICHA TÉCNICA

Título: PÚBLICO – POLICIÁRIO

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

Organização: Daniel Falcão

Data da edição: Janeiro de 2014

Editor: Clube de Detectives

E-MAIL: clubededetectives@gmail.com

URL: <http://clubededetectives.net>

ÍNDICE

PROVA Nº 1	
PARTE I – O mistério da carteira desaparecida (Tryit)	7
PARTE II – Uma festa de arromba (I.F.)	11
PROVA Nº 2	
PARTE I – Um caso de espionagem? (Rubro Pálido)	17
PARTE II – Que grande golo (Rubro Pálido)	21
PROVA Nº 3	
PARTE I – Uma questão de observação (Abrótea)	27
PARTE II – O caso do DVD desaparecido (XXP)	31
PROVA Nº 4	
PARTE I – Tempicos e o bacalhau à pressuposto (A. Raposo & Lena)	37
PARTE II – O amigo Benevides (A. Raposo & Lena)	41
PROVA Nº 5	
PARTE I – A odisseia de Álvaro Domingues (Paulo)	47
PARTE II – Cucurru!... (Pa Pu Cheio)	53
PROVA Nº 6	
PARTE I – Ouvindo o Flecha de Prata passar (Verbatim)	59
PARTE II – A morte de Calígula (Verbatim)	63
PROVA Nº 7	
PARTE I – A tia Laurinda e a morte de D. Perpétua (Búfalos Associados)	69
PARTE II – A morte da cabeleireira (Paulo)	73
PROVA Nº 8	
PARTE I – O último caso do Inspector Trindade (Rip Kirby)	79
PARTE II – Mistério na praia (Rip Kirby)	83

PROVA Nº 9	
PARTE I – Mergulho na escuridão (Marcelo Campos)	89
PARTE II – A vingança do marido traído (Felizardo Lopes)	93
PROVA Nº 10	
PARTE I – Venham de lá esse ossos... (Júlio Penatra & Gá)	99
PARTE II – A tia Laurinda e o albergue espanhol (Búfalos Associados)	107
CLASSIFICAÇÕES	
DECIFRAÇÃO	115
PRODUÇÃO	117
POLICIARISTA DO ANO E RANKING	119

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 1

PARTE I

O MISTÉRIO DA CARTEIRA DESAPARECIDA

Original de TRYIT

PARTE II

UMA FESTA DE ARROMBA!

Original de I. F.

O MISTÉRIO DA CARTEIRA DESAPARECIDA

Original de TRYIT

O João acabara de chegar ao café e não vinha muito satisfeito. Esteve a ver um jogo de futebol no estádio da terra e aquilo não correu nada bem, ao que contou.

– Logo no princípio os de lá de cima marcaram um golo, depois de um falhanço do nosso guarda-redes. Então não é que o rapaz em vez de defender a bola que até vinha na sua direção, resolveu baixar-se? Já viram o filme? A bola direita ao gajo e ele, cheio de medo, desviou-se! E depois a porcaria da chuva, que não parou um segundo que fosse e eu que me esqueci do guarda-chuva em casa...

– Mas conta lá o que aconteceu. Perderam por quantos?

– Ora, perdemos por 2-0 e o segundo golo também foi um grande frango. Assim não vamos lá! Mas as minhas desgraças não acabaram, porque quando fui para casa, vi que me esqueci da chave no bolso do outro casaco e como a minha mulher foi fazer uma visita à mãe, fiquei fora de casa. Já é galo!

– Olha, olha, dois frangos e mais um galo... Mas tiveste a sorte de nos apanhar aqui, pá! Vamos beber um copo e esquecer essas chatices... Zé, manda aí uma rodada para a malta...

Escassos minutos depois, já havia algazarra, enquanto se alinhavam para lançar os dardos contra um alvo estrategicamente colocado num canto pouco frequentado, não fosse a pontaria mais utilizada provocar alguma desgraça.

Um a um, todos despiram os casacos e empilharam-nos em cima de uma mesa de bilhar desativada por problemas no pano.

Durante muito tempo durou o campeonato de dardos, ora com vitória de uns ora de outros, entremeadas por rodadas que eram ruidosamente saudadas.

Quando finalmente chegou a hora da debandada, cada qual para sua casa, na hora das contas, o João pegou no casaco e gritou que lhe faltava a carteira:

– Estava aqui, no bolso interior, tenho a certeza!

– Vejam no chão, pode ter caído... Espera aí, o meu casaco estava por baixo do teu e não me falta nada. O do Álvaro estava por cima... Álvaro, falta-te alguma coisa?

– Não, está aqui a carteira, tenho tudo...

– Bolas, se não falta nada ao Álvaro nem a mim, foi muita pontaria terem roubado a tua carteira...

Não estás a ver se não pagas?

– Duvidas de mim? Tenho a certeza que tinha a carteira quando atirei o casaco para o monte, tenho a certeza absoluta! Vim do futebol para aqui, diretamente, não fiz paragens nem nada. E no campo fui beber uma cerveja com o Tropas e paguei eu... Tropas? Ó Tropas!...

– Que é, pá?

– Lembras-te do copo que bebemos no campo de futebol? Quem pagou?

– Foste tu, João, pagaste e vieste embora. Eu ainda lá fiquei mais um bocado...

– Viram? Eu tinha a carteira, paguei e agora desapareceu. Alguém a tem e se é brincadeira, isto acaba com um pero nas fuças, entendem?

– Espera aí, pá, dá cá o casaco, se calhar meteste noutro bolso ou tens o forro descosido e caiu, sei lá, dá cá o casaco...

Mas não era o caso. O casaco era relativamente novo, muito bem cuidado e tratado, não tinha buracos no forro, nem nos bolsos e, de facto, em nenhum deles havia rasto da carteira.

– Estão a ver? Estão a ver? Se alguém tem a carteira, passem-na para cá, se não têm, paguem lá as bebidas que eu depois pago a minha parte, mas tenho de me ir embora procurar a carteira, vou fazer o caminho ao contrário...

– Alto aí, João! És muito boa pessoa, mas há nesta história algumas coisas que não estão muito bem... Conta lá tudo outra vez, muito calmamente...

– Lá vem este com as manias de que é um detetive. Andas a ler o PÚBLICO ao domingo, não é? Só pode...

Que coisas achou o amigo do João que não estavam lá muito bem? De que estava ele a desconfiar e que indícios lhe despertaram as dúvidas?

Policiário nº 1123 – Público de 10 de Fevereiro de 2013

SOLUÇÃO

A coisa principal que não joga bem é a questão da chuva. Se tudo se passou como é dito e não foi desmentido, choveu durante todo o jogo, sem parar e o João não tinha guarda-chuva, portanto tinha de estar completamente encharcado, já que não chegou a entrar em casa, ao que afirma, porque a mulher tinha ido visitar a mãe e ele esqueceu-se da chave.

Assim sendo, o casaco não poderia estar muito bem tratado e cuidado como é afirmado, mas sim amachucado, amarfanhado, completamente encharcado.

Também ficamos a saber que não era esse o caso porque o casaco foi depositado na mesa do bilhar, entre os dos amigos, um em baixo, outro em cima, o que faria com que estes também ficassem molhados pelo contacto, se ele estivesse efetivamente encharcado.

Portanto, o João não tinha a carteira, nem as chaves com ele, porque o casaco não era o mesmo que ele levou ao futebol. O Tropas confirmou que o João pagou as bebidas no campo de futebol, portanto tinha a carteira com ele. Logo, ele passou mesmo por casa ou por algum local onde trocou de casaco, deixando a carteira, provavelmente para não ter de pagar as bebidas no café.

Policiário nº 1128 – Público de 17 de Março de 2013

UMA FESTA DE ARROMBA!

Original de I. F.

– Responda, senhor A, tem de me dar respostas...

– A festa tinha sido de arromba e não sabíamos muito bem onde estávamos ou o que tínhamos andado a fazer... Compreende, era um dia especial em que todos entrávamos num ano especial. Toda a gente dizia e parece que era verdade, que o século e o milénio só iriam virar no ano seguinte, mas, que diabo, fosse como fosse, viravam-se todos os algarismos naquele dia, naquele segundo exacto!

– Eu até posso compreender isso, acho normal que se festejasse, mas nada justifica a vossa atitude perante o que se passou. O que eu quero saber é quem estava presente no momento em que aconteceu o incidente.

– Não estou certo. Não me lembro lá muito bem...

– Mas você estava no local, ou não?

– Estava... Isto é, penso que sim... Sabe, os copos...

O agente Maduro saiu da sala, já um tanto irritado com o que se passava. Isto de andar a perguntar coisas com anos de atraso, nem parecia coisa de gente. Um incidente tão distante e ainda andava por ali a pairar...

– Senhor B, isto parece um pouco estranho, mas tenho de lhe perguntar de novo o que se passou nessa noite, o que viu, quem estava presente, quem foi o autor material, enfim, tudo!

– Senhor agente, não tenho a mínima ideia! Não me lembro de nada dessa noite, olhe, foi uma noite de folia, uma noite única, que nenhum de nós voltará a passar, não é verdade? Todos bebemos e comemos em força e já nem me lembro de sair do bar, quanto mais o que se passou cá fora... E depois estive dois dias a dormir...

– Menina C, quer fazer o favor de esclarecer o que se passou nessa noite?

– Ora, senhor agente, o que é que se podia ter passado? Estávamos todos a festejar em grande, quando aquilo aconteceu. Lembro-me perfeitamente que nenhum de nós teve nada que ver com isso, absolutamente nada. Estávamos a festejar, mais nada, mas um grupo provocou-nos e, para evitar males maiores, eu mesma empurrei os meus amigos para dentro do bar, para não haver chatices. O que aconteceu depois, não sei, nem os meus amigos, porque estávamos lá dentro e isso parece que

aconteceu lá fora, não foi?

– A menina parece que se lembra de tudo muito bem...

– Pudera, nessa altura eu andava um bocado mal, com uma infeção e estava a tomar antibióticos, por isso não podia beber álcool. Acabei por ser eu quem controlei tudo e levei os meus amigos a casa.

– E dentro do bar, o que aconteceu?

– Dentro do bar, nada. Bebemos um copo, estacionámos por lá algum tempo para deixar passar a tempestade que se levantou na rua...

– Tempestade?

– Em sentido figurado, senhor agente, queria dizer, a complicação, a chatice, entende?

– Sim, sim, continue...

– Não houve mais nada. Paguei a conta, o que foi mais uma complicação porque o bar não tinha multibanco e tive de andar a vasculhar as carteiras dos meus amigos à procura dos euros para pagar aquilo... Mas lá consegui.

– Senhor D, não me vai dizer que não se lembra de nada dessa noite, pois não?

– Não, senhor agente, lembro-me perfeitamente que não se passou nada de especial. Entrámos e saímos de bares e bares, bebemos e comemos, foi tudo excelente. Só há uma noite assim, numa vida.

– E depois?

– Depois, nada! Acordei em casa, muito mais tarde, com uma dor de cabeça terrível e sem sequer saber como lá cheguei. Depois contaram-me que foi a C que nos andou a entregar em casa, porque ela não podia beber álcool por causa de uns medicamentos que estava a tomar.

– Não houve incidentes?

– Nada que me lembre.

O agente Maduro percebeu que havia ali uma grande mentira, mas não queria maçar-se demais com um caso corriqueiro e ridículo que um chefe queria que se esclarecesse passado tanto tempo.

Ele sabia que o chefe ainda tinha uma pedra no sapato por ter apanhado uma “galheta” naquela noite, mas a verdade é que, conhecendo-o tão bem como ele o conhecia, apostava que tinha sido merecida. Ora abóbora, abençoada “galheta”...

O agente percebeu onde estava a mentira e os nossos “detetives” também, pela certa!

Ora digam lá então quem a cometeu:

A – O senhor A porque ninguém podia estar num estado em que não se lembrasse de nada - estava a mentir;

B – O senhor B porque revela que não se lembra sequer de sair do bar, mas sabe que se passou alguma coisa cá fora, pelo que estava a mentir também;

C – A Menina C porque se lembra de tudo tão bem, mas mente naquilo que diz;

D – O senhor D porque se lembra de tudo, de entrar e sair de bares, de comer e beber, e portanto tinha de saber o que se passou, pelo que é um grande mentiroso.

Policário nº 1124 – Público de 17 de Fevereiro de 2013

SOLUÇÃO

Resposta correta: C – A Menina C porque se lembra de tudo tão bem, mas mente naquilo que diz.

Pelo texto verifica-se que esta investigação é feita muito tempo depois das ocorrências porque o próprio agente acha ridículo que o chefe quisesse esclarecer o caso tanto tempo depois.

A cena passa-se no dia em que todos os algarismos mudaram e isso só aconteceu, no último milénio, na viragem do ano 1999 para 2000, altura em que a Menina C afirma ter vasculhado os bolsos dos seus parceiros de folia, para conseguir reunir os euros necessários para pagar a conta, já que o multibanco do bar não estava operacional.

Esta afirmação, proferida no momento da inquirição pelo agente poderia fazer todo o sentido, muito tempo depois da ocorrência, mas naquela altura a moeda que circulava ainda era o Escudo. O Euro apenas entrou em circulação em Portugal no dia 1 de Janeiro de 2002. A Menina C poderia ter vasculhado para reunir os Escudos, mas não os Euros.

Policiário nº 1128 – Público de 17 de Março de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 2

PARTE I

UM CASO DE ESPIONAGEM?

Original de RUBRO PÁLIDO

PARTE II

QUE GRANDE GOLO

Original de RUBRO PÁLIDO

UM CASO DE ESPIONAGEM?

Original de RUBRO PÁLIDO

O general Arménio Teixeira estava uma fera. A cólera era tanta que o rosto estava vermelho que nem um tomate e os olhos brilhantes pareciam chispar.

Afinal o que se tinha passado para que o chefe dos serviços secretos estivesse naquele estado de irritação. Havia chegado pela manhã ao seu gabinete e dirigira-se ao grande cofre de aço onde eram guardados os documentos secretos que estavam em análise. Na véspera, antes de sair, tinha-os colocado no cofre e agora não estavam lá.

O desaparecimento dos documentos punha em perigo a segurança nacional, mas pior do que isso punha em perigo aquele tacho que lhe rendia cerca de 15.000,00 euros mensais. Por essa razão queria manter em segredo o desaparecimento dos documentos, mas como conseguir isso. Pensando numa solução o general andava no seu gabinete de um lado para o outro, rogando pragas, parecia uma fera enjaulada.

Andando neste vai e vem lembrou-se do seu amigo o coronel Faria de Freitas diretor da Polícia Judiciária Militar. Ele podia ajuda-lo a descalçar aquela bota e como lhe devia uns favores até investigaria o caso sem deixar que nada do acontecido saísse lá para fora. E se bem o lembrou melhor o fez, dirigiu-se ao telefone e ligou para o coronel que se prontificou a ir falar com ele.

Cerca de uma hora mais tarde o coronel Faria de Freitas era recebido na sede dos serviços secretos portugueses pelo chefe destes Arménio Teixeira que pôs o seu amigo ao corrente daquilo que desejava. Quando terminou Faria de Freitas perguntou:

- Quem possui a chave do cofre e quem conhece o código de segurança.
- A chave só eu a tenho quanto ao código de segurança para além de mim há três outros oficiais que o conhecem só que, enquanto eu o conheço totalmente, eles só conhecem duas letras cada um. Em todo o caso sem a chave eles não podem abrir o cofre.
- E ontem não deixaste a chave abandonada em qualquer lado? Insistiu Faria de Freitas.
- Impossível, sempre a trago ao pescoço num cordão de ouro, só a tiro à noite quando me deito e deixo-a debaixo do travesseiro.
- Então quem são os oficiais que conhecem letras do código de segurança do cofre?

- O tenente-coronel Alvarenga, o major Braz e o capitão Torquato.
- Manda-os chamar por favor.

O primeiro a chegar foi o tenente-coronel Alvarenga. Faria de Freitas sem mais delongas dirigiu-se a ele e perguntou-lhe quase em jeito de afirmação: Coronel o senhor ontem à noite ou hoje de manhã abriu o cofre do gabinete do general Arménio Teixeira.

– Eu!?... Não estão bons da cabeça, respondeu Alvarenga de modo colérico. Como ia eu abrir o cofre se não tenho a chave, além disso só conheço duas das letras do código de segurança. Bem pode-se retirar, se precisarmos de si voltaremos a chamar.

Poucos minutos depois, cantarolando, entrou o Major Braz.

– Então o que há? Mandaram-me chamar, precisam de um parceiro para a sueca? Ou será para a lepra?

– Deixe-se de brincadeiras –, ordenou o coronel Faria de Freitas, e repetiu nos mesmos termos a pergunta que havia feito a Alvarenga.

– O quê? Arrombaram o cofre do general? Ah! Ah! Ah! Devia ter sido alguém muito forte ou então usaram uma bazuca! – Exclamou o major e continuou a rir.

– Deixe-se de risotas –, ordenou Faria de Freitas já irritado com a boa disposição do Major. – Não foi arrombado nem usaram bazuca, foi aberto com a própria chave.

– Com a própria chave! – Exclamou o Major. – Não pode ser. O General não passava aquela chave nem para as mãos do avô e muito menos para as minhas pelo que eu não podia abrir o cofre por não ter a chave e por necessitar de alguns outros elementos. – Dito isto voltou a soltar nova e estridente gargalhada.

– Saia imediatamente! – Ordenou o Coronel em tom colérico. – Saia antes que o mande prender.

O Major dirigiu-se para a porta, mas não deixou de retrucar.

– Preso! Seria engraçado! – E saiu imediatamente antes que a ameaça fosse cumprida.

O General Arménio Teixeira e o diretor da PJM ficaram conversando enquanto esperavam a chegada do Capitão Torquato mas passados 30 minutos cansados de esperar abriram a porta e perguntaram pelo Capitão ao funcionário que trabalhava na sala ao lado. Este depois de consultar umas fixas respondeu: – O Capitão não veio hoje.

O Coronel voltou ao gabinete do General dizendo: – Pronto já temos o nosso culpado, não veio hoje e certamente não virá nunca mais, fugiu. Vou já fazer a participação. – E sentou-se à secretária e iniciou o preenchimento do impreso próprio para esse efeito. Tão entretido o Coronel estava naquela tarefa que nem deu pela entrada de um sargento na sala, que veio entregar uma pasta de couro ao general

dizendo-lhe que ele a tinha deixado na tarde anterior sobre uma secretária num outro gabinete.

O General agradeceu e sorratamente foi meter a pasta numa gaveta da sua mesa de trabalho. Em seguida foi até junto do Coronel Faria de Freitas dizendo: – Deixa isso que eu faço a participação. Vamos até à cantina beber um Whisky.

Será que os nossos detetives nos contam pormenorizadamente o que ali se passou?

Poliário nº 1126 – Público de 3 de Março de 2013

SOLUÇÃO

Afinal isto que parecia um caso de espionagem não passou de um ato de incompetência do chefe dos serviços secretos portugueses. Daí a dúvida que o ponto de “?”, no título, levanta. Para ele o que pior poderia acontecer não eram os prejuízos que do seu desleixo poderiam advir para o país mas sim a perda do seu precioso tacho de 15 000 euros mensais. Mas isso não seria um caso único, nem o pior. Este é apenas um caso de ficção.

De facto nenhum dos oficiais suspeitos poderia ser acusado da abertura do cofre cuja chave o General trazia pendurada ao pescoço por um cordão de ouro como se de um amuleto se tratasse. Além disso ele não passava a chave para a mão de ninguém e na opinião do Major Brás nem tal faria para as mãos do próprio avô.

Portanto, não existindo sinais de arrombamento não se pode deitar as culpas dos oficiais tidos como suspeitos

O que aconteceu, e tratando-se de documentos tão importantes isso poderia implicar na demissão do General, foi que este na tarde anterior esteve em outro gabinete e deixou lá a pasta com os documentos os quais lhe foram entregues por um Sargento quando o investigador já estava elaborando a participação que poderia levar um inocente à prisão.

O General ficou tão comprometido pela sua incompetência que se apressou a guardar os documentos sem nada comunicar ao Diretor da PJM. Limitou-se a dizer que ele logo faria o relatório e convidou o seu amigo para um Whisky.

Esta é a solução do autor. Os nossos detetives sempre a poderão melhorar.

Policário nº 1133 – Público de 21 de Abril de 2013

QUE GRANDE GOLO

Original de RUBRO PÁLIDO

Existem teorias que afirmam que um problema policial para que assim possa ser considerado tem que ter um crime para desvendar. Outros teóricos são de opinião que o importante é existir um mistério para esclarecer.

No caso presente nem há crime nem mistério, há apenas uma pequena dúvida para tirar e é isso que eu vou propor aos nossos confrades policaristas.

Li num recorte de um jornal desportivo uma parte da reportagem de um jogo de futebol da 1ª liga portuguesa. O recorte estava rasgado por isso não foi possível ler a reportagem completa, contudo foi possível ler algo referente a um golo que o autor da reportagem considerava extraordinário.

Só com estes elementos seria impossível escrever um texto em que houvesse algo para esclarecer. Porém quis o destino que passado não muito tempo me viesse parar às mãos um vídeo, em não muito bom estado, mas onde me foi possível avaliar a opinião do repórter que escreveu a reportagem desse jogo. Foi realmente um grande golo.

Não sei quais os clubes que estavam em confronto pois tal não se encontrava mencionado no recorte do jornal e as imagens estavam a preto e branco devido ao mau estado do vídeo, só posso adiantar que um dos contendores tinha o equipamento com listas verticais enquanto o outro tinha também listas, mas estas horizontais.

Na grande área dos horizontais, vou nomeá-los assim para poupar espaço, viam-se quatro defensores para além do guardião que fazia uma grande estirada para tentar evitar que a bola entrasse na sua baliza mesmo ao ângulo superior do seu lado esquerdo. A aparatosa estirada foi inútil. A bola já tinha entrado.

Na esquina dessa grande área, á direita para quem ataca, estava o vertical nº 10 com o corpo inclinado para a esquerda e apoiado no seu pé esquerdo enquanto a perna direita se encontrava quase na horizontal tendo o pé mais ou menos á altura da cintura.

Junto ao poste da baliza dos horizontais, em nítida posição irregular estava um vertical com os braços no ar. Não foi possível ver o número deste elemento, mas podemos afirmar que ele não tocou na bola.

Na meia-lua dessa mesma área estava o atleta n.º 9 dos verticais também com os braços levantado

e na esquina contrária, também de braços elevados o atleta n.º 5 dos verticais.

Também perto da área se via o árbitro com o braço direito apontando o centro do terreno.

Nesta altura o vídeo sofre uma interrupção e quando retorna todos os jogadores horizontais rodeiam o juiz da partida, alguns deles apontando para o vertical que no momento do golo estava em posição irregular.

Pergunta-se:

A – O golo foi marcado pelo vertical n.º 9;

B – Ou teria sido o vertical n.º 5;

C – O Juiz anulou o golo por fora de jogo do atleta que estava junto ao poste da baliza adversária;

D – Ou teria sido o atleta n.º 10 o autor do golo.

Esclarecimento do autor: Para que não aconteçam polémicas sobre qual era cada uma das equipas em campo, faz-se este esclarecimento de que em Portugal existem vários clubes com as camisolas listadas na vertical. Exemplos: O F.C. Porto, o Marítimo, o Vitória de Setúbal, o Nacional, o Olhanense, etc. etc... Com listas horizontais temos o Sporting C. Portugal, o Sporting da Covilhã, o Lusitânia dos Açores e muitos outros clubes filiais do Sporting C. de Portugal.

Policiário nº 1127 – Público de 10 de Março de 2013

SOLUÇÃO

A solução deste problema encontra-se na alínea D.

Como se pode imaginar pela descrição a jogada foi tão rápida que o atleta nº 10 ainda não teve tempo para retomar o equilíbrio e correr a festejar o golo enquanto todos os seus colegas que se encontram na imagem já estão de braços erguidos festejando o golo.

A alínea C, não passa de uma pequena rasteira para tornar a solução do problema um pouco mais difícil. O Juiz da partida não tinha bases para anular o golo por posição irregular do atleta que se encontrava junto do poste da baliza adversária já que ele não participou no lance.

Quanto às alíneas A e B, os outros dois atletas verticais visíveis no vídeo nenhum deles foi o autor do golo pois já se encontram comemorando antes mesmo do vertical nº 10 ter recuperado o equilíbrio.

Policiário nº 1133 – Público de 21 de Abril de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 3

PARTE I

UMA QUESTÃO DE OBSERVAÇÃO

Original de ABRÓTEA

PARTE II

O CASO DO DVD DESAPARECIDO

Original de XXP

UMA QUESTÃO DE OBSERVAÇÃO

Original de ABRÓTEA

Mimosa Lúcia, 34 anos, uma beleza inconfundível e voluptuosa figura, mandou um beijo para aquele que era seu marido havia um ano, Canorço Honesto de 85 anos, cuja figura e “pilha”, não estavam na melhor forma.

“E este é o Sr. Canorço Honesto”, disse, dando uma risadinha tímida e brincando com os seus cabelos. “Quero dizer, este é o meu marido”, disse ela docemente.

“Psiuu, Lúcia”, falou com uma voz envelhecida, mas amorosa, acariciando sua jovem esposa na cabeça.

Solerte Rufia sorriu para o casal e pensou em todos os segredos que ele já sabia sobre este casal incompatível, desde o dia do casamento. Ele sabia que ela tinha casado com o velho apenas pelo seu dinheiro, mas isso não era grande segredo. Com mil diabos, até mesmo o velhote já devia ter adivinhado isso.

O que o velhote não sabia era que agora Solerte tinha 5.000 euros em sua posse, um pré-pagamento de Mimosa, que era mecânico a tempo parcial e vigarista e extorsionário a tempo inteiro, em troca de um plano para matar o Sr. Canorço, assim Mimosa poderia legalmente herdar todo “carcanhol”, e seria a viúva mais rica e a mais desejada de metade deste continente.

Solerte estendeu a mão. “Prazer em conhecê-lo, Sr. Canorço. Eu entendo, o seu Rolls ainda tem aqueles barulhos esquisitos?”

“Não que eu tenha notado, Sr. Rufia. Ainda assim, Mimosa continua a dizer que ouve algum tipo de som tinindo.”

O Sr. Canorço riu. “A audição de Mimosa é, provavelmente, mais acentuada do que a minha e bem melhor. Ela diz que você é o melhor mecânico aqui da cidade e arredores.”

“Trabalho numa grande garagem local, onde só estão os melhores.”

Em parte era verdade. Solerte, na garagem, desempenhou um papel menor como mecânico; troca de óleo, pneus furados, etc. Levaria o seu amigo Espada para a oficina e este cortaria as linhas de freio tão habilmente que iria parecer um acidente. Espada, era o que se chamava de especialista em “assassínios acidentais”.

“Eu não conheço esse tipo pessoalmente”, disse Solerte no calor do momento, “mas meu chefe recomendaria ele.”

“Deixe-me chamar e ver se eu posso trazê-lo até aqui para dar uma olhada rápida no seu Rolls.”

Então não? se ele e Espada haviam crescido juntos. Espada era o tipo perfeito e se as coisas dessem para o torto.... Nunca fez mal a ninguém tomar algumas precauções antes de um trabalho como este. Cautela e caldos de galinha...

Solerte carregou um número, esperou alguns minutos e depois franziu a testa. “Hmm, ele parece estar a longe.”

“Talvez ele esteja fora da cidade”, disse Canorço Honesto.

“Não, ele estava na garagem esta manhã”, Solerte murmurou, “ainda vou deixar que o telefone toque mais um par de vezes. Eu quero dizer, meu chefe tinha-o lá. Estava a trabalhar para outro cliente. Já o vi lá mais vezes. É assim que eu o conheço. De vista.”

Solerte silenciosamente amaldiçoou o seu erro, esperando que não se tivesse espalhado ao comprido, e olhou de soslaio para Mimosa.

“Ele não está a responder”, disse Solerte para Mimosa. “Talvez seja melhor tentar mais tarde.”

“Não!” disse Mimosa, mais alto do que o devido, então forçou um sorriso e estendeu a mão para o braço do marido.

“Eu quero dizer, aqui o Sefas vai a conduzir todo o caminho até Bragança esta noite. Quero ter certeza de que ele faz uma boa viagem.”

Ela franziu ligeiramente a testa para Solerte. “Sr. Rufia, esta é a era da tecnologia, não é? Se esse fulano, Espada não pode ser contactado por telefone, porque pode estar ocupado, ou não ouviu, não pode enviar msg de texto?”

O rosto Solerte iluminou-se. Era verdade que se o seu amigo Espada estava a almoçar ele não atendia o telefone e já era ao meio-dia. Fora inteligente Mimosa lembrar-se disso. Solerte rapidamente digitou a msg, um toque no "enviar para" número que ele queria e transmitiu a mensagem.

Tudo funcionou como por um encanto, ou quase... O Sr. Canorço decidiu fazer a sua caminhada diária, antes de se preparar para a longa viagem que o levaria ao Marão. Espada apareceu e, com Canorço Honesto, bilionário, fora do caminho, fez um trabalho especialista em cortar as linhas de freio do Rolls Royce. Então tudo o que, Espada, Solerte e Mimosa, tinham a fazer era sentarem-se e imaginar toda a massa que estaria caindo do céu, em suas mãos, dentro em breve. Mimosa, sabia que a estrada por onde Canorço estaria dirigindo naquela noite era mortífera, tinha sido obra de um engenheiro inglês, cheia de curvas e contracurvas, como Mimosa, esta ensaiou um olhar de choque e derramou algumas

lágrimas de crocodilo sobre a morte inesperada de seu amado marido.

Somente quando o Sr. Canorço voltou, e com ele vários polícias, juntamente com outro homem à paisana, eles voltaram à Terra.

“Oficiais”, disse ele, apontando para as três pessoas totalmente apanhadas de surpresa. “Eu quero que os senhores prendam minha esposa, esta aqui, junto com esses dois homens como seus cúmplices por tentativa de homicídio.”

Ele virou se para o homem à paisana. “Detetive, acho que o senhor tem consigo um especialista para verificar o meu Rolls Royce estacionado aí fora. Eu acho que você vai encontrá-lo de algum modo “trabalhado” de jeito a provocar a minha morte prematura.”

“Não!” Mimososa gritou, saltando para seus pés.

“O quê?” Espada gritou, pulando para cima de um polícia e tentando saltar, antes de ser agarrado por outros polícias.

Solerte Rufia foi o único que permaneceu calmo. Levantou-se, suspirou, olhou para os olhos lacrimejantes azuis de Canorço Honesto:

“Como é que descobriu?”

Policiário nº 1131 – Público de 7 de Abril de 2013

SOLUÇÃO

Quando Mimosa disse, “se esse fulano Espada não pode ser contactado por telefone”, Canorço Honesto percebeu. Solerte Rufia nunca pronunciou o nome do homem que ele estava chamando, então, como sabia Mimosa o nome do homem, Espada, se não soubesse já alguma coisa?

O que teriam falado ou planeado, ela e o Sr. Rufia de antemão?

A principal coisa que iluminou as células cinzentas do Sr. Honesto fora, porém, que o Solerte Rufia disse, “que não conhecia o Espada pessoalmente”, mas ele só apertou um número no telemóvel quando ele tentou chamar. Isso significava que o número de Espada, um homem que Solerte alegou não conhecer, foi programado no telemóvel do mesmo. E quando Solerte enviou a mensagem de texto, viu-se que estava bastante familiarizado com o número do amigo Espada ao acioná-lo sem ter que procurá-lo em qualquer lugar.

O facto de que Mimosa sabia o nome de Espada; que Solerte (que alegou não conhecer Espada pessoalmente), sabia o seu número de cor; que o Rolls Royce parecia estar a andar tão bem como de costume, apesar da alegação de Mimosa, de haver um ruído do motor, tinindo; e finalmente os três cúmplices em casa, todos estes fatores levantaram suspeitas a Canorço Honesto.

Policário nº 1137 – Público de 19 de Maio de 2013

O CASO DO DVD DESAPARECIDO

Original de XXP

As coisas estavam a azedar um pouco na casa do arquiteto Chaves. Ele tinha a certeza que deixara três DVDs em cima da mesa da sala de estar, com filmes muito recentes, que prometera emprestar a um amigo, mas a verdade é que agora só dava com dois. O terceiro evaporara-se!

A sala era grande, virada a poente e ao mar, com amplas vidraças que deixavam entrar toda a luminosidade e os raios de sol, quando este brilhava, como era o caso. O projeto era dele mesmo e por isso privilegiara aquilo de que mais gostava: luz e sol.

Mas, voltando aos DVDs, Chaves tinha a certeza que os deixara lá na véspera à hora do almoço e que foi um dos seus quatro filhos quem “desviou” o faltoso, certamente para ver o filme à sua vontade.

Com a calma possível, Chaves foi anotando o que cada um disse, quando os ouviu em separado:

Afonso: Eu cá não vi nada. Só agora é que soube que tu tinhas deixado os DVDs. Os exames estão à porta e só tenho tido tempo para estudar, não para ver filmes... Ontem tive aulas até às seis da tarde e dez minutos depois estava em casa, para estudar. Logo que cheguei passei por aqui, pela sala, mas como estava escuro, nem reparei nos DVDs.

Cláudia: Ó pai, então era capaz de levar um DVD de um filme, sem dizer nada?! Ontem não tive aulas de tarde e estive no meu quarto, lá em cima. Como estou quase em férias grandes, não tinha nada para estudar e por isso estive a ouvir música e no computador a “falar” com amigos. Nada de especial.

Mónica: Vi os filmes aqui em cima da mesa, eram para aí umas nove, nove e meia da noite e até estive a ver que filmes eram... Por acaso o que te falta era o mais interessante e que eu gostava de ver porque é uma grande história e um grande filme, segundo dizem, mas nunca o ia tirar assim, sem te dizer nada. Até pensei pedir-te autorização para o ver, mas como não estavas em casa...

Filipe: Pai, eu já vi esse filme e nem é assim tão bom como dizem. Vi-o no cinema e por isso não ia agora tirar-te o DVD. Além disso, ontem fui a casa de um colega e só vim à hora do jantar, eram para aí umas 8 horas da tarde. Estive aqui na sala a apreciar os reflexos do sol no mar e fui para a sala de jantar quando tu me chamaste.

O arquiteto Chaves comparou os depoimentos e ficou com a certeza de que a responsabilidade pelo desaparecimento era de um dos quatro.

Tinha agora de pensar num castigo “exemplar”. O filme nem era o mais importante, mas as

mentiras... Talvez uns tempos sem televisão ou, pior ainda, uma semana sem telemóvel ou sem internet...

Assim, quem ficou de castigo?

A – Afonso;

B – Cláudia;

C – Mónica;

D – Filipe.

Policiário nº 1132 – Público de 14 de Abril de 2013

SOLUÇÃO

A hipótese certa é a A.

Afonso diz que ao entrar na sala não reparou em nada por estar escuro, mas as aulas estavam a acabar, seria o mês de Junho e, àquela hora, pouco depois das seis da tarde, teria de haver muita luz, até pela conceção da casa.

Como todos os “detetives” notaram, tratava-se de um problema muito simples, de contradição nos depoimentos.

A descrição é importante por fornecer os elementos indispensáveis para imaginarmos como seria a casa e sobretudo a sala.

Depois de sabermos que há luz e sol e que a janela envidraçada é dirigida para o mar e que da sala se pode assistir ao pôr-do-sol, precisamos de saber a que horas se referem os depoimentos e em que época se passa a história. O texto é explícito ao indicar que o Afonso chega pelas 18h10. Por outro lado, a aproximação das férias grandes, exames, etc., dão-nos claramente a ideia de que a história se passa no mês de Junho, altura em que é muito mais provável que se tenha passado o que o Filipe refere, ou seja, observar os reflexos do sol no mar, pelas 20h00.

Mónica profere declarações que permitem dizer que o “desvio” do filme foi feito depois das 21h30, porque ela refere ter visto os filmes, ter reparado que o que falta é precisamente o que ela mais gostaria de ver, que até pensou levá-lo, mas não o ia fazer sem pedir autorização... Portanto, às 21h30 estavam lá os filmes e aquele em particular.

Talvez por isso a confusão de Afonso. É que ele foi lá buscar o filme já de noite e por isso acabou por cometer o erro.

E acabou castigado, se calhar com a proibição de usar telemóvel durante uns dias, provavelmente o maior castigo que se pode aplicar nos tempos que correm!...

Policário nº 1137 – Público de 19 de Maio de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 4

PARTE I

TEMPICOS E O BACALHAU À PRESSUPOSTO

Original de A. RAPOSO & LENA

PARTE II

O AMIGO BENEVIDES

Original de A. RAPOSO & LENA

TEMPICOS E O BACALHAU À PRESSUPOSTO

Original de A. RAPOSO & LENA

Chegara a Primavera. Tempicos descansava na sua otomana favorita, apreciando a vista do alto do último piso do edifício Amoreiras. Via-se ao fundo o Tejo e o Cristo Rei.

Um copo, umas pedrinhas de gelo miúdo a tilintar. Um velho Kentucky Bourbon a dar-lhe cor. A mão esquerda a percorrer suavemente a coluna da Geraldinha. Um engate da véspera. Uma loira exuberante que lhe prometera acabar com o jejum da carne que atravessara...

Pela sua conspícua mente passava a confeção de uma receita de bacalhau. Quem diria?

Tempicos congeminava o que deveria vir a ser o “bacalhau à pressuposto”. Um prato adequado à época que se estava a viver. Um bacalhau que não levava bacalhau! Só batatinhas assadas a murro. Do bacalhau era só um cheirinho dado que o fiel amigo estava pelo preço do ouro.

Porém... (há sempre um porém) a cena desfaz-se, o telemóvel toca e lá se vai o bem bom e fica a “receita” por desvendar. Tempicos fora chamado a resolver mais um caso bicudo. Meteu-se a caminho. Vestiu a gabardina à Bogart, o chapéu mole e o inevitável cachimbo.

Num dos poucos resistentes “chalés” de Campo de Ourique, vivia o capitão Possidónio. Vivia, vírgula, porque acabara de ir para os anjinhos.

O capitão, segundo constava do telefonema recebido, jazia morto, no corredor que dá acesso à porta da rua. Tempicos recebera um pedido de ajuda da sua governante às 13,35h. Tempicos bateu à porta, surgiu-lhe a governanta. “Que grande desgraça Sr., Inspetor (Tempicos fora visita da casa, em tempos) o patrão está ali deitado no chão mais morto que vivo. Só não percebo se foi ele que se matou se algum malandro o fez. Eu estava no andar de cima quando ouvi um estrondo. Vim para baixo devagarinho porque estas pernas já não ajudam, e dei com o patrão deitado a escorrer sangue da cabeça e com um pistolão na mão. Sem se mexer. Aqui no corredor, junto à porta da rua. “

Tempicos perguntou-lhe pela pistola.

“Olhe, apanhei-a e limpei-a e voltei a guardá-la na panóplia das armas do Capitão aqui na sala de estar, não fosse alguém aleijar-se pois o patrão dizia que estão sempre carregadas...e no chão não havia senão sangue. Lembrei-me e telefonei-lhe logo”.

Tempicos notou que a senhora – já bastante avançada na idade e meio taralhouca – tentou fazer o melhor e acabou fazendo o pior. Eliminou as eventuais impressões digitais.

Tempicos foi analisar a panóplia da parede onde 4 armas de fogo diferentes se perfilavam.

Com o capitão Possidónio, além da governanta, viviam também dois sobrinhos (aliás os únicos herdeiros) o Luizinho e o Paulinho rapazes modernos e amigos da esbórnia.

O Paulinho tinha ido almoçar ao restaurante “Cataplana” da Rua Ferreira Borges e estivera lá das 13 às 14. Tempicos confirmou no Restaurante.

Luizinho contou que se levantou tarde, tomou um lauto pequeno-almoço e por volta do meio-dia foi até ao jardim da Parada e leu o seu jornal num banco de jardim. Depois foi espreitar os “velhotes” a jogar às cartas no outro lado do jardim. Ficou por ali a observar, os miúdos a brincar e, por volta das duas da tarde regressou a casa.

Para complicar tudo, o capitão tinha na véspera feito um disparo com uma das armas da sua panóplia a um gato que saltara o muro do quintal. Felizmente não acertara mas a bala ficara incrustada no muro e fora recuperada pelo inspector. Este facto foi-lhe contado pela governanta.

A polícia científica confirmou a hora da morte, por volta das 13h e as 13,30h de domingo.

A porta da rua estava fechada à chave quando Tempicos chegou ao local. A governanta abriu-a quando ele tocou, com a sua chave que mantinha sempre no avental.

As armas da panóplia eram:

- 1 – Revólver: calibre .45;
- 2 – Pistola: calibre – 6,35 mm;
- 3 – Pistola: calibre .32;
- 4 – Pistola: calibre – 9 mm.

A bala que fora extraída da cabeça da vítima era de 6,35 mm. e a extraída do muro do quintal era de 9 mm.

As armas na panóplia estavam todas com os respetivos cartuchos exceto uma onde faltava uma bala de calibre.38 e que fora disparada recentemente. Às 3^{as} feiras o capitão tratava da armaria. Limpava, oleava e repunha todos os cartuchos, se necessário. Ganhara vários prémios em concursos de tiro.

A solução do caso poderia ser, como diria La Palisse, suicídio ou crime, mas isso compete ao amigo leitor resolver e contar, o que se passou...

Tempicos estava baralhado mas visivelmente bem-disposto. O seu Benfica já levava 4 pontos de avanço sobre o rival. Este ano é que a vitória não iria fugir e a ser assim... Tempicos iria a pé a Fátima com a faixa de campeão comprar uma medalhinha de Francisco, o Papa.

Policário nº 1135 – Público de 5 de Maio de 2013

SOLUÇÃO

Para se chegar à solução é preciso ordenar os factos enumerando-os:

1º Análise das balas, das cápsulas e calibres em função das armas da panóplia.

2º Análise das datas das ocorrências, local da ação, controle das horas e situação meteorológica.

3º Conclusões.

Analisemos o ponto 1:

A bala que ficou na cabeça da vítima, matando-a, era de calibre 6,35 mm e a que se retirou do muro de 9 mm. Não se encontrou cápsula junto ao corpo.

Das armas da panóplia só uma tem falta de munição e corresponde à que foi encontrada no murete, ou seja, a que tem de calibre 9 mm.

As restantes três armas estão carregadas inclusivamente a que tem o mesmo calibre da que atingiu a vítima.

Conclusão: A arma que disparou e matou o capitão desapareceu, bem como a respetiva cápsula. Recordemos que o capitão só limpava e recarregava as suas armas às terças-feiras e a ação decorre ao domingo. Logo, alguém levou a arma e a cápsula e meteu na mão do capitão uma das suas armas da panóplia. Logo, foi crime e não suicídio.

Análise do ponto 2:

Se a porta da rua estava fechada à chave quando Tempicos chegou e foi a velhota com a sua chave que a abriu, conclui-se que alguém que possuísse a chave da porta teria encenado o “suicídio”, sabendo que a velhota levaria o seu tempo a descer as escadas o que lhe daria tempo para colocar na mão do morto a arma, que teria já retirado da panóplia. Depois saiu, fechando à chave a porta da rua. Lembramos que eram 13,30h e o sobrinho Paulinho já saía para almoçar.

A ação decorre na Primavera. O “jejum da carne” mencionado sugere que os factos ocorreram na semana santa e o crime no domingo de Páscoa. Dia 31 de Março de 2013.

Nessa altura o Benfica tinha 4 pontos de avanço na tabela sobre o Porto. E foi naquele ano que Francisco foi entronado Papa.

Este dia foi de franca invernia. Os jornais do dia seguinte afirmaram que houve na Grande Lisboa chuvas fortes, vento e frio. Justifica-se Tempicos sair de casa com gabardina e chapéu mole.

Suspeitos e conclusões, no ponto 3:

O sobrinho Paulinho tem álibi que Tempicos confirmou. A velha governanta não tem álibi, mas também não tem vantagem na morte do patrão. Não herda e arrisca-se a perder o emprego.

O sobrinho Luizinho mente ao afirmar que esteve no jardim quase duas horas a ler o jornal e a observar as crianças a brincar e os velhos a jogar às cartas. Com o temporal não haveria ninguém que aguentasse manter-se no jardim tanto tempo.

O facto de o sobrinho mentir só por si não prova a sua implicação no caso mas investigações da polícia e inquéritos bem conduzidos encurralariam o criminoso e levariam à confissão. É para isso que serve a polícia, partir da investigação de um mentiroso e chegar ao criminoso conseguindo a confissão, antes do julgamento.

Policário nº 1141 – Público de 16 de Junho de 2013

O AMIGO BENEVIDES

Original de A. RAPOSO & LENA

Tempicos tinha um velho amigo dos bancos da escola – o Benevides – e um dia recebeu uma misteriosa carta dele, que já não via há anos.

O que se passava era simples. O amigo Benevides estava muito receoso que um dos seus sobrinhos (únicos herdeiros) estaria a preparar um “acidente” para enviar o tio para o outro mundo mais cedo do que a ordem natural das coisas.

Benevides seguira Belas-Artes e era um conceituado e rico conhecedor de arte antiga e as suas opiniões eram muito apreciadas.

Acontece que passados uns dias, após Tempicos ter recebido a carta Benevides era encontrado morto. Suspeitava-se de assassinato.

Eis o conteúdo da carta:

“Amigo Tempicos, velho companheiro do Liceu Camões,

Já não nos vemos há tempos mas a nossa relação de amizade e companheirismo mantém-se forte e ativa.

Recordo, saudoso, aquelas jogatanas com bola de trapo, no pátio do liceu, e da regra sagrada do “muda aos cinco e acaba aos dez”.

Recordações...

O que o te vou contar vai, certamente, levar-te a agir em busca da verdade.

Acontece que eu sou um homem com uma grande sensibilidade e descobri que um e só um dos meus quatro sobrinhos, está a preparar o meu enterro. Se tal acontecer peço-te o favor de correres a investigar o que se passou e que faças atuar a justiça. Sei que eras e continuas a ser um ás nas investigações.

Um dos meus herdeiros universais, um autêntico zelote, anda a congeminar um “trabalhinho”. Eu conto contigo e como sabes tenho o gosto pela pintura antiga, conheço e sou reconhecido no meio artístico. Sei comunicar por analogias pois não me parece que deveria indicar-te preto no branco o nome de quem desconfio.

Tempicos, chegarás lá, aposto, basta utilizar o que a natureza, tão pródiga te proporcionou: a capacidade de raciocínio.

*Só posso adiantar que o malandreco é, conforme afirmou Leonardo, o último da direita.
Teu amigo, BENEVIDES”.*

Os sobrinhos de Benevides são:

A – Sócrates

B – António

C – Simão

D – Joaquim

Policário nº 1136 – Público de 12 de Maio de 2013

SOLUÇÃO

Solução correta: C - Simão

Neste problema encontramos três indícios básicos que ligados induzem à descoberta do caso:

1º A palavra pouco corrente “zelote” encontrada no texto como pertencente ao sobrinho malandrecos.

2º O facto de Benevides ser um reputado e reconhecido conhecedor de arte antiga e afirmar que comunicava por analogias.

3º O Leonardo que aparece na história como o que afirma que “ele” é o último da direita

A palavra “zelote” é sinónimo de falso mas também indicia um grupo de indivíduos judeus do tempo de Cristo, que se opunham a Roma.

No quadro do Leonardo da Vinci – o fresco conhecido pela última ceia, tem ao fundo, à direita, SIMÃO, o zelote.

Leonardo da Vinci não se limitou a pintar a “Ultima Ceia”, fez vários estudos prévios dos apóstolos e inclusivamente desenhou as figuras e assinalou os respetivos nomes.

Tudo se encontra na internet. Basta fazer a busca...

Para a solução do nome do sobrinho que Benevides sabe que o quer liquidar, terá que se indicar o nome de Simão.

Chega-se lá, como diria Hercule Poirot, juntando os três fios à meada.

Policiário nº 1141 – Público de 16 de Junho de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 5

PARTE I

A ODISSEIA DE ÁLVARO DOMINGUES

Original de PAULO

PARTE II

CUCURRU!...

Original de PA PU CHEIO

A ODISSEIA DE ÁLVARO DOMINGUES

Original de PAULO

Algumas gotas de chuva caíram da gabardina do Eugénio enquanto ele me apertava a mão fortemente.

– Que tempo! Chega uma pessoa de Paris e depara-se-lhe uma borrasca destas. No dia de hoje, apenas vejo uma vantagem nesta chuva. Evita que ande mais gente na rua, com aquela estúpida tradição carnavalesca de atirar com ovos podres, ou fazendo qualquer outra brincadeira desajustada.

– Entra, entra! Temos muito que conversar. Quatro anos sem nos vermos, é muito tempo. Quando me telefonaste a dizer que cá estavas nem acreditei. Estou sozinho em casa. A Luísa foi com os miúdos passar três dias a casa dos meus sogros.

Eugénio entrou, deixando-me na mão a gabardina, que eu pendurei num bengaleiro.

Não tardou muito que a conversa se encaminhasse para os assuntos proibidos: a ida do Eugénio para França na tentativa de evitar males maiores, que poderiam ir até à sua prisão; a despedida na Estação de Santa Apolónia, quatro anos antes; a esperança que tudo acalmasse, que ninguém falasse demais, permitindo o esquecimento dos factos, o que na verdade acontecera, e um regresso rápido; a expectativa de fazer o doutoramento que lhe fora vedado na sua pátria; e a esperança que os ventos mudassem de vez o rumo, levando a mordaza que a todos calava.

– Deixemo-nos de assuntos tristes e falemos da tua vida em Paris. Há dois anos as coisas estiveram beras por lá.

– Bem o podes dizer. A polícia a dar pancada e as manifestações a crescerem. Foi uma loucura. Começou com os estudantes, mas depois alargou-se a outras áreas da sociedade. Foi um mês de Maio completamente louco.

Instintivamente baixei a voz para dizer.

– Cá também tem havido problemas. Em Abril do ano passado houve uma bronca em Coimbra. Numa sessão com o Ministro da Educação e o Presidente da República, um estudante pediu para usar a palavra. Nem queiras saber no que aquilo deu.

A conversa continuou em redor de assuntos políticos até que:

– Já chega de assuntos sérios e diz-me o que te fez vir até minha casa. Ainda não digeri o que me

contaste pelo telefone.

Eugénio meteu a mão no bolso do casaco e desdobrou a folha que de lá retirou.

– Como já te tinha dito, o meu regresso tem a ver com a morte do meu tio Firmino. Eu e os meus irmãos somos os herdeiros e na distribuição da herança estão a aparecer problemas. Não sei se te lembras de quem era o meu tio Firmino? Era aquele que parecia não bater bem da cabeça, afogado em papéis velhos que ele chamava documentos. Claro que lá tem algumas coisas valiosas, mas outras, são autêntico lixo. É de um desses papéis que eu te venho falar. Os meus irmãos dizem que é o mais valioso mas eu penso que é uma burla.

É uma carta escrita por um Álvaro Domingues, datada de há 100 anos, que narra uma travessia de África, desde Angola a Moçambique. A ser verdade tal facto, alguma História teria de ser reescrita. Eles não me deixaram trazer o documento, mas eu transcrevi algumas partes que queria que leses. Claro que modifiquei a grafia da época para a atual.

Entregou-me a folha que tinha na mão enquanto acrescentava.

– O papel de onde copiei o que aí está escrito aparentemente é muito antigo, amarelado, com a tinta a ficar com uma tonalidade acastanhada. Por análise visual simples nada nos faz detetar uma falsificação.

Peguei no papel que ele me estendeu, alisei melhor a folha, e vi algumas linhas entre as aspas.

“...agora que estou nesta costa do oceano Indico, esperando pelo barco que me levará de volta a casa dez anos após ter partido, posso finalmente erguer os olhos para o alto e agradecer à Virgem a graça de ter intercedido por mim junto do Seu filho...”

“...tantos meses, na solidão, orientado apenas pelas estrelas, e por Ela”

“... Quando todos os carregadores me abandonaram, deixando-me apenas a roupa que vestia, uma arma de fogo, uma faca e um pequeno caderno no bolso, foi a Senhora de Fátima que me valeu e me guiou, afastando de mim as feras e os selvagens que me poderiam atacar”

“...para escrever utilizei sucos de plantas e...”

“...sempre a clareza de ideias que me permitiu ir registando o que via, depois do boicote que sofri na minha expedição”

“...comendo o que a mãe natureza me oferecia e pequenos animais que eu apanhava com as mãos ou a faca...”

“...de noite ouvindo as feras, rezando e olhando o céu estrelado”

“Encontrei o caminho para o Oriente, chegando a este porto do Indico”

“...o privilégio de observar os sete planetas, que vogavam na abóboda azul que me cobria, e de fazer

o desenho das constelações...”

“...dar a conhecer aos homens da ciência a posição dos planetas nas diferentes constelações do hemisfério do Sul”

“...esperar uma recompensa de Sua Majestade, pelo engrandecimento que o meu feito faz da nossa amada Pátria.”

– Não preciso de ler mais. É evidentemente uma falsificação.

– Também o penso – referiu o Eugénio. – Vou dizer-te o que me levou a formar opinião sobre a falsidade do documento.

Sem dúvida que o leitor já se apercebeu que se está perante um documento falso.

Explique as razões.

Policário nº 1139 – Público de 2 de Junho de 2013

SOLUÇÃO

A primeira fase da solução consiste em situar no tempo a suposta travessia de África. Para se conseguir essa localização temporal é necessário ter em conta o diálogo entre os dois personagens do texto.

A época do ano em que decorre o diálogo é o chamado "Domingo de Carnaval" ou "Domingo Gordo" do ano de 1970.

Como se pode chegar a essa conclusão?

Considerando:

- a) A referência às brincadeiras de Carnaval e ao facto de ser Domingo.
- b) A indicação de um mês de Maio muito agitado, em Paris, dois anos antes. Trata-se de uma alusão óbvia ao movimento que ficou conhecido como Maio de 68.
- c) A referência ao incidente ocorrido na universidade de Coimbra, no ano anterior e que sucedeu em 17 de Abril de 1969.

O passo seguinte consiste em localizar o ano em que presumivelmente foi escrita a carta. 100 anos antes. Estamos então em 1870.

Falta referenciar quais os aspetos existentes no texto da carta que levam à conclusão que esta não poderia ter sido escrita nessa data, mas muitos anos mais tarde, sendo portanto um documento forjado.

1º A menção a Fátima.

O culto religioso no local surgiu apenas depois de 1917. Impossível portanto de ser referenciado numa carta escrita em 1870.

2º A alusão à observação dos sete planetas.

À data em que se pretende ter sido escrita a missiva, eram conhecidos sete planetas. Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno, Úrano e Neptuno, tendo este último sido localizado em 1846. Até aqui nada de estranho. A questão põe-se no facto de Neptuno não ser observável a olho nu. Úrano embora no limite da possibilidade de observação sem aparelhos óticos, pode considerar-se que poderia ser observado a olho nu, dado que não se sabe se o presumível autor da carta teria ou não problemas de visão.

Como o explorador ficou apenas com uma arma, a roupa e um caderno, não teria qualquer luneta ou telescópio que lhe permitisse observar Neptuno.

Portanto, quem escreveu a carta não poderia ter feito o que está descrito.

3º Na carta há uma palavra que à data não existia. Trata-se da palavra boicote. Esta palavra teve

origem no nome do irlandês Boycott e foi introduzida na linguagem falada e escrita ao longo do século XX, mais propriamente durante o conflito italo-abexim (1935-36).

Trata-se de mais um impedimento para que o texto tivesse sido escrito em 1870.

Pode-se então concluir que o documento é falso, tendo sido escrito alguns anos após 1870.

Quanto ao facto de os planetas serem ou não serem visíveis no hemisfério Sul durante o período da viagem, Eugénio, nos extratos da carta que copiou, não fornece elementos suficientes para o sabermos. Apenas poderíamos localizar a viagem entre 1860 e 1870, dado que a única informação fornecida aponta para a partida de Portugal em 1860, o que não chega para analisar a situação nessa perspetiva.

Para finalizar quero indicar qual foi a bibliografia que consultei para escrever resolver o problema. Obviamente que existem muito mais locais onde as respostas poderão ser consultadas, mas as fontes que eu utilizei foram estas. Não é necessário consultá-las todas para se responder corretamente ao problema, bastando uma ou duas. A variedade serviu apenas para confirmação das informações:

- História de Portugal, direção de José Matoso, do Círculo de Leitores;
- História de Portugal em Datas, coordenação de António Simões Rodrigues, de Temas e Debates;
- Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Selecções, de Selecções do Reader's Digest;
- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, da Verbo;
- Guia Prático de Astronomia, de Jean Lacroux e Denis Berthier, da Gradiva;
- Diciopédia 2000, da Porto Editora;
- Enciclopédia Universal Multimédia, da Texto Editora.

Em alternativa, basta apenas uma boa enciclopédia e alguma cultura geral.

Policário nº 1146 – Público de 21 de Julho de 2013

CUCURRU!...

Original de PA PU SHEIO

- Então, agora é que são horas de vires almoçar?
- Estive em casa do padrinho a vê-lo tratar dos pombos e a aprender coisas sobre columbofilia.
- Ora, os pombos... são ratos com asas que andam por aí e ainda lhes dão de comer.
- Oh, pai! Isso foi conversa do Woody Allen no filme Memórias em relação aos pombos da cidade, mas os pombos do padrinho são pombos-correio.
 - E que diferença é que isso faz?
 - Faz toda a diferença. Os pombos-correio não andam por aí à solta. São criados pelos columbófilos com todos os cuidados de higiene para os manterem com saúde. Por isso, são desparasitados e vacinados, como outros animais domésticos. Além disso, têm o sentido de orientação muito mais desenvolvido e são muito mais atléticos e elegantes do que os “vulgariços”, pois foram selecionados pelo homem para a competição. Com saúde e bem treinados, os pombos-correio de algumas linhas genéticas são capazes de voar para o seu pombal de locais a mais de 900 km de distância, num só dia, a velocidades superiores a 65 km/h.
 - Mas só servem para entreter columbófilos.
 - Não é bem assim. O pombo-correio tem prestado valiosos serviços, como aconteceu na II Guerra Mundial. Alguns pombos-correio foram considerados autênticos heróis pela importância das mensagens que levaram ao seu destino, voando sobre as forças inimigas. Ainda há pouco tempo veio no jornal a notícia de que, em Inglaterra, quando estavam a limpar a chaminé de uma casa, encontraram o esqueleto de um pombo-correio morto em serviço na II Guerra Mundial. O bichinho ainda tinha com ele o invólucro com a mensagem que transportava escrita num papel semelhante a uma mortalha de tabaco. O padrinho diz que quando estive na tropa ainda havia um pombal militar no Regimento de Transmissões. Em Portugal, há até a chamada Lei de Proteção ao Pombo-Correio que lhe atribui o estatuto de interesse público.
 - Ah, ele disse isso?
 - Também me disse que me dava um casal de borrachos, se o pai me fizesse um pombal no quintal.
 - É melhor não pensares nisso.

– Oh, pai! Eu gostei tanto daquele casal de pombinhos, com uma pena de cor lilás, tão aveludada, eram tão bonitinhos!

– Já disse que não!

– Mas, oh pai, aqueles borrachinhos podem vir a ser grandes campeões. O padrinho disse-me que são filhos do seu melhor casal de azuis, os seus filhos têm tão elevada qualidade que ele até lhe chama o seu casal de ouro. E, já vê, um casal de borrachos filhos de campeões, em Portugal, já pode custar mais de 1000 euros.

– O teu padrinho é um grande campeão e sabe muito de columbofilia, mas às vezes exagera.

– Ah, pois! E o que é que o pai sabe disso?

– O suficiente para te dizer que nem tudo é como ele te disse.

– Oh, pai! Não me diga que:

A – Não existiram pombais militares e que o pombo-correio não prestou grandes serviços durante a II Guerra Mundial;

B – Os pombos-correios não podem fazer uma média de mais de 65 km à hora, numa prova de 900 km;

C – Não há casais de pombos-correio que, em Portugal, podem atingir o preço de mais de mil euros;

D – Os borrachos que o padrinho disse que me dava não são filhos do seu casal de ouro!

– Ah, isso não sei. Em vez de estudares, passas tanto tempo ao computador, procura na net, que logo descobres.

– Está bem, “kota” ...

Policiário nº 1140 – Público de 9 de Junho de 2013

SOLUÇÃO

A resposta correta é a D.

A cor dos pombos está ligada ao sexo, ao cromossoma X. Os machos são XX e a fêmeas XY. A cor azul é recessiva e a cor lilás dominante. Por isso, num casal de pombos azuis, em cada X há apenas informação para a cor azul e não para a cor lilás, pois, de outro modo, o membro do casal que tivesse lilás em X seria também lilás. Logo, se o casal era azul não tinha a cor lilás, pelo que não poderia transmiti-la aos filhos.

Policário nº 1146 – Público de 21 de Julho de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 6

PARTE I

OUVINDO O FLECHA DE PRATA PASSAR...

Original de VERBATIM

PARTE II

A MORTE DE CALÍGULA

Original de VERBATIM

OUVINDO O FLECHA DE PRATA PASSAR...

Original de VERBATIM

Este é um caso antigo que, por razões familiares, tive de analisar. Sigo as notas do meu tio-avô, José Gaio, mas modifico alguns nomes para evitar melindres.

Ele era ao tempo regedor da freguesia de Outeiro do Bailador, situada perto da linha de caminho-de-ferro do Norte, entre Pombal e Entroncamento. Ali, o traçado da via dupla, segundo a direção Norte-Sul, permitia ao comboio rápido Flecha de Prata atingir uma muito gabada velocidade de 100 km/h.

Alguns minutos depois do sol-posto de um desanuviado dia de Junho de 1945, foi encontrado morto, na sua loja de comércio, o Sr. António Rijo. A mulher fora à procura dele, seguindo pelo quintal e entrando pelas arrecadações. Estranhando as luzes apagadas e já de coração apertado, acendeu um candeeiro de petróleo cuja localização conhecia. Deu com o marido caído atrás do balcão, inanimado e com sangue junto da orelha direita. Saiu a gritar, dizendo que lhe tinham morto o marido com uma pancada na cabeça. Uma criada, que a seguira, já nem chegou a entrar na zona do balcão. O meu tio-avô, avisado de imediato, verificou a morte, concluiu que ninguém mais se aproximara do cadáver até à sua chegada e impediu o acesso à loja de quem não fosse agente da autoridade. Mas não pôde obstar à rápida difusão da notícia da morte do Rijo com uma pancada na cabeça.

A vítima apresentava um ferimento na têmpora direita, característico de projétil disparado entre um e meio metro de distância. Ao lado do corpo estava um revólver, propriedade do lojista, com sinais de uso recente, no qual faltava uma bala e onde não se detetaram impressões digitais diferentes das do dono. António Rijo tinha calçadas umas luvas de couro, fortes, que costumava usar para manusear materiais grosseiros ou cortantes. As portadas das duas janelas altas de iluminação estavam abertas e a porta da rua encontrava-se destrancada. Não havia sinais de roubo.

A venda situava-se a leste da linha, em frente do apeadeiro, muito próxima da passagem de nível onde a estrada de macadame atravessava a via-férrea.

Não se conheciam inimigos de António Rijo. Alguns apodavam-no de candongueiro, talvez por despeito, porque ele não aceitava manobras com as senhas de racionamento. Muito invejada era a sua viçosa fazenda à beira da Ribeira da Laje.

Naquela noite, foi possível detetar as quatro últimas pessoas que terão contactado com a vítima, as

quais foram formalmente ouvidas no dia seguinte.

Aníbal Ruivo, que morava a dois minutos da loja, por um único e mau caminho, disse: “Estava no quintal e tinha começado a reparar a rede do galinheiro, quando ouvi o apito agudo do Flecha de Prata para Lisboa. Era esse, porque o outro, para o Porto, tinha passado um bocado antes. Foi então que me lembrei que tinha de ir buscar sulfato. Saí a correr. Sabia que o Rijo costumava ficar na loja, embora com a porta fechada. E, se não estivesse lá, estaria em casa. Comprei o sulfato e não dei por nada de anormal. Não sei quem o poderia querer matar.”

Zeferino Carreira prestou declarações em sua casa, no Casal da Ferradura, um quilómetro a norte da loja. No momento ouviu-se o apito arrastado do Flecha da manhã para Lisboa. (Conquanto os comboios rápidos nem sempre fossem pontuais, funcionavam no Outeiro do Bailador como relógio, dado apitarem sempre que se aproximavam da passagem de nível. No dia anterior, o segundo e último Flecha para Lisboa passara às 21h15, quase à tabela). Carreira contou o seguinte: “Fui à venda do Rijo já depois da porta fechada, porque me demorei na Espinheira a tratar de assuntos relacionados com uma possível eletrificação da freguesia. Levei a carroça até à loja para poder trazer arame farpado e mais algumas coisas para a patroa. Cheguei a casa pouco depois das oito da tarde.”

Brás Laranjeira, advogado e proprietário rural, declarou: “Não fixei a hora a que estive na venda, mas lembro-me que ainda era de dia. Procurei o António Rijo para falar da divisão da água da Ribeira da Laje. Nada de especial. Ele, no fim da conversa, até aproveitou para arrumar um resto de arame farpado. Espero que não julguem que seja minha a arma com que o Rijo se suicidou. Tenho um revólver parecido, mas muito bem guardado e sem uso há uns bons meses.”

Maria Perpétua do Souto, sexagenária, disse: “Fui de propósito ter com o Tóino Rijo para lhe pagar onze mil reis. Deviam ser umas oito horas. Ele tinha a porta entreaberta. Mas eu era lá capaz de lhe dar uma sacholada na cabeça! Credo!”

Haverá incongruências nas declarações, ou entre elas, que nos levem a suspeitar de alguém? O que terá acontecido? Explique tudo e diga de sua justiça, caro leitor.

Policiário nº 1144 – Público de 7 de Julho de 2013

SOLUÇÃO

Na resolução deste caso, temos de verificar, em primeiro lugar, se a morte de António Rijo se deveu a suicídio. Vemos que é muito pouco provável que tal tivesse acontecido, porque o disparo foi efetuado a mais de meio metro de distância da têmpora da vítima e também porque Rijo se encontrava com umas fortes luvas de couro calçadas, pouco ou de todo impróprias para acionar o gatilho.

Sem qualquer referência ao estrépito do tiro, temos de inferir que o ruído, além de abafado pelas paredes da loja, também não encontrou pessoa no exterior que o tivesse ouvido.

Analisando as declarações, vemos que o testemunho de Aníbal Ruivo parece contraditório. Primeiro porque às 21h15 já se teria posto o sol, não fazendo muito sentido que, numa aldeia sem luz elétrica, ele começasse então a consertar uma rede de galinheiro e a seguir saísse a correr, sem iluminação, por um mau caminho. Depois há a referência ao apito agudo do comboio que não conjuga com o apito arrastado assinalado pelo narrador. Finalmente, ele teria chegado à venda com o lojista já morto, talvez em simultâneo com a viúva. É muita coisa duvidosa.

Há porém duas importantes explicações.

Quanto ao pôr-do-sol, deverá notar-se que, em Junho de 1945, a hora de verão estava adiantada 120 minutos e não apenas 60. Assim, durante aquele mês, numa latitude como a do Outeiro do Bailador, o sol nunca se terá posto antes das 21h55 nem depois das 22h11. Portanto, às 21h15 era dia. O Sol ainda não se pusera e o ar estava desanuviado. Aníbal Ruivo pode mesmo ter regressado a casa em condições de continuar com o conserto da rede.

No que respeita ao apito dos comboios, será de notar que o silvo de uma locomotiva, em bom andamento, é ouvido de um modo mais agudo ou mais grave conforme a fonte de som caminha para nós ou se afasta de nós. É o efeito de Doppler. Como o Flecha de Prata andava ali relativamente depressa, esse efeito fazia-se sentir. Aníbal Ruivo, estando a uma pequena distância da loja e, portanto, perto da passagem de nível, ouviu o apito agudo relativo a uma aproximação. Já o narrador, um quilómetro a norte da passagem de nível, assinalou o apito arrastado do Flecha que se afastava para Sul.

Aníbal Ruivo não mostrou saber mais sobre a morte de António Rijo do que aquilo que por ali constaria a partir dos gritos da viúva, isto é, que o lojista tinha sido morto com uma pancada na cabeça.

Zeferino Carreira e Maria Perpétua do Souto nada disseram de comprometedor. Esta última, ao atribuir a morte de António Rijo a uma sacholada na cabeça, limitou-se a ligar o que se contava com uma das mais vulgares formas de agressão que conhecia. Ela terá ido à loja pelas 20h00 e Carreira,

considerando o tempo necessário para a carroça fazer um quilómetro, terá saído cerca das 19h50. Portanto, estiveram os dois na venda antes de Aníbal Ruivo.

A viúva de António Rijo e a criada são ilibadas pelo narrador. O testemunho cruzado terá ajudado.

Brás Laranjeira é que se denunciou ao falar de suicídio e da arma que a vítima teria usado para se matar porque, em princípio, não deveria saber de uma coisa nem da outra, pois o regedor providenciou no sentido de não ser dado a conhecer mais do aquilo que a viúva entendera e gritara.

Deduz-se que o advogado não se deu ao trabalho de verificar o que sobre a morte de António Rijo corria entre o povo e que confiou demasiado na divulgação da cena que contemplou, ainda com bastante luz, na altura de abandonar a loja. Enganou-se porque a viúva não viu tudo e as autoridades foram discretas.

Resta uma questão por esclarecer: como terá Brás Laranjeira acedido ao revólver de António Rijo? Não o sabemos ao certo, mas é o próprio advogado que nos fornece uma pista e nos faz suspeitar de crime premeditado, quando afirma saber que tinha um revólver parecido com o do lojista. Poderá, portanto, ter congeminado aproximar-se deste último sob o pretexto de fazer uma comparação de armas. Talvez até se tenha munido de umas luvas finas para manusear o revólver, com a descarada desculpa de não o querer manchar. Logo que ficou com a arma de António Rijo na mão, alvejou-o. Simulou, então, um suicídio. Ao fazê-lo esqueceu-se da distância a que disparou e das luvas que a vítima calçara para arrumar o arame farpado.

A ação criminosa poderá ter acontecido depois de Aníbal Ruivo ter deixado a loja, talvez entre as 21h30 e as 21h45, ainda com o Sol acima do horizonte.

Policário nº 1151 – Público de 25 de Agosto de 2013

A MORTE DE CALÍGULA

Original de VERBATIM

O cadáver de Calígula foi retirado de um automóvel ligeiro, registado em seu nome, que se incendiara. A causa da morte não estava ainda apurada, embora o grau de queimaduras fosse suficiente para a ter provocado. O carro colidira com um muro mas de modo ligeiro. O cinto de segurança, deteriorado pelo fogo, tinha sido colocado. Nos fluidos corporais notou-se a presença de álcool em dose quatro vezes superior à permitida para a condução, não havia sinais de drogas, os pulmões estavam limpos e não se tinham ainda detetado fraturas. O rosto estava irreconhecível.

O inspetor Vespasiano ouviu as quatro últimas pessoas que terão contactado com Calígula.

Cláudio disse ter ajudado a trazer Calígula para o parque de estacionamento. “Vim com o Tibério, ambos a ampará-lo, porque ele estava perdido de bêbado. Encostámo-lo a uma árvore, mas ele não se sustinha. Fomos então sentá-lo no carro, um bom bocado depois, porque Calígula levou uns dez minutos a encontrar as chaves. Quando me pareceu que ele estava a dormir, abri-lhe uma janela do automóvel, pus-lhe as chaves num bolso, fechei a porta e voltei para a discoteca. Nessa altura apareceram também o Augusto e o Trajano.”

Tibério confirmou a declaração de Cláudio e acrescentou: “Quando o Augusto e o Trajano chegaram, pedi-lhes para verificarem se o Calígula continuava a dormir e sem fazer qualquer disparate. Regressei ao parque de estacionamento cerca de meia hora depois. Vinha o Augusto a correr para a discoteca. Aproximei-me do carro do Calígula e vi-o já em andamento, com ele lá dentro a acenar-me como quem vai de férias. Não o consegui deter. Logo a seguir estampou-se contra o muro. Ato contínuo o carro incendiou-se, corri para o socorrer, vi que não conseguia abrir a porta devido às labaredas e fui á procura de um extintor.”

Trajano afirmou que se limitou a ver se Calígula descansava tranquilo. “Até tive o cuidado de verificar se o travão de mão estava bem puxado, não fosse o diabo tecê-las. O Augusto disse-me que ainda ficava por ali a espairecer um bocado. A iluminação era muito fraca mas dava para passear. Ele estava aborrecido com a namorada, uma miúda danada para a dança. Só voltei ao parque quando o Augusto e o Tibério gritaram a dizer que o carro do Calígula se tinha incendiado. Fui buscar um extintor que tinha na carrinha, mas já não pude fazer grande coisa.”

Augusto confirmou que andou cerca de vinte minutos a espreitar ali pela zona do parque de estacionamento. “Fui até mais do que uma vez ver se o Calígula estava a dormir. Não notei nada de anormal. Pensei que um de nós teria de o levar. Nessa altura lembrei-me do que prometera à minha namorada e corri para a discoteca. Depois foi o burburinho. Pedi extintores. Sabia que o Cláudio tinha um, mas verifiquei que ele tinha desaparecido. Até o carro já saíra do parque.”

Vespasiano não ficou com boa impressão destes quatro amigos e encontrou razões para apontar um deles como causador da morte de Calígula. Quem será o suspeito:

- A – Cláudio
- B – Tibério
- C – Trajano
- D – Augusto

Policário nº 1145 – Público de 12 de Julho de 2013

SOLUÇÃO

A resposta correta é B – Tibério.

Verificamos que qualquer dos quatro amigos podia ter conseguido uma ocasião para estar a sós com Calígula e aproveitar-se da sua embriaguez para o liquidar através de um suposto acidente automóvel. Há contudo dois pormenores que nos levam a desconfiar mais de Tibério do que dos outros três: os pulmões da vítima estavam limpos e Tibério afirmou ter visto Calígula a acenar-lhe do carro pouco antes de embater no muro.

Os pulmões limpos indiciam morte da vítima anterior à incineração. Como o choque do carro contra o muro foi ligeiro, o cinto tinha sido colocado e não se tinham descoberto fraturas no corpo, conclui-se que o embate não terá sido de molde a provocar a morte imediata. Então, Calígula já deveria estar morto quando o automóvel bateu no muro. Nesse caso, Tibério não o poderia ter visto a acenar imediatamente antes do embate. Muito provavelmente foi ele que matou Calígula, tendo encenado uma morte accidental devida a imprudência da própria vítima.

Policário nº 1151 – Público de 25 de Agosto de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 7

PARTE I

A TIA LAURINDA E A MORTE DE DONA PERPÉTUA

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

PARTE II

A MORTE DA CABELEIREIRA

Original de PAULO

A TIA LAURINDA E A MORTE DE DONA PERPÉTUA

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

O Inspetor Garrett gostava de contar as histórias da Tia Laurinda aos seus amigos. Algumas constituíam autênticos enigmas policiais, como o caso de Dona Perpétua, antiga colega de escola de Laurinda e que falecera vítima de crime violento na sua moradia do Algarve, vizinha da Tia Laurinda. Vivia com três filhas: Clara, Mercês e Joana. Segundo a polícia, o falecimento ter-se-ia dado pelas cinco horas da manhã, hora a que todas as filhas se encontravam em casa, dormindo cada uma no seu quarto, conforme afirmaram.

Dona Perpétua era uma senhora conservadora, avessa às mais recentes tecnologias. Possuía uma notável coleção de discos e deitava-se sempre tarde, ficando pela noite fora a ouvir as óperas de Wagner. Era viúva, muito rica e não se lhe conhecia qualquer outro herdeiro além das filhas solteiras, uma das quais constava estar em dificuldades financeiras, escrava que era do vício do jogo. A Tia Laurinda sabia que a relação da mãe com as filhas não era pacífica. Constava ainda que eram todas boas amigas da bebida.

Clara, a mais velha e a mais mandona, era a dona da casa. Administrava os dinheiros e discutia amiúde com a mãe. Mercês, estava desempregada e como tinha o sono muito leve irritava-se quando a mãe punha o som da música demasiado alto. Joana era talvez a mais pacífica, mas não tinha qualquer afinidade clubística com a família e quando o seu Sporting perdia ninguém a podia aturar.

O corpo fora encontrado por Zenóbio, o jardineiro, que antes das cinco da manhã já se preparava para regar os canteiros quando, através das janelas fechadas, ouviu vozes femininas que discutiam e ruídos que pareciam de uma luta corpo a corpo. Depois, o barulho de uma forte pancada e um grito que juraria ser da Senhora. Zenóbio não se conteve e gritou: "Quem está aí? Que se passa?" Ainda ouviu uma fuga precipitada pela escada acima e, como não tinha a chave da casa, correu a bater à porta principal. Algum tempo depois, a empregada Umbelina, que dormia no fundo da casa, veio abrir. Zenóbio correu à sala e viu a cena macabra: Dona Perpétua jazia de borco sobre a alcatifa, com as marcas de uma fortíssima pancada na cabeça. Umbelina, como em tempos tinha tido experiência de enfermagem, rapidamente verificou que a Senhora estava morta. Depois correu à escada e gritou repetidamente a chamar as filhas, que dormiam no andar de cima e que, aos poucos, foram descendo

alarmadas pelo alarido.

Chamada a polícia, que não demorou a chegar, Umbelina lembrou-se de avisar a vizinha Laurinda, cuja predileção por histórias de crimes era conhecida. E esta ainda pôde ver que perto do corpo estava um atizador de ferro da lareira, certamente a arma do crime, e que debaixo do corpo apareceu caído um telemóvel.

Aparentemente nada terá resultado do interrogatório breve que a polícia teve com todos os intervenientes. E após toda a casa ter sido amplamente fotografada, a polícia retirou-se, deixando a impressão de que dera especial importância a uma janela aberta para as traseiras numa casa de banho do piso térreo. As três filhas recolheram aos seus quartos. Foi então que a Tia Laurinda deu início à sua investigação particular.

"Terá alguém fugido por aquela janela aberta?" A empregada afirmou não acreditar, aquela janela, afastada do chão, estava sempre aberta de Verão ou de Inverno pois a Senhora gostava da casa sempre arejada. "Além do mais fica mesmo perto do meu quarto e eu teria dado por qualquer coisa". Usando umas luvas que sempre a acompanhavam, Laurinda sentou-se a um canto da sala consultando o telemóvel que a polícia tinha deixado ficar. As últimas mensagens enviadas revelavam alguma dificuldade em pagar avultadas dívidas e percorrendo a agenda de contactos gravados, à procura de nomes conhecidos, encontrou: Clara, Dona Laurinda, Joana, Umbelina e Zenóbio. Perto da lareira uma mesa de jogo sobre a qual se espalhavam as cartas de dois baralhos. Dona Perpétua costumava jogar "crapô" com as filhas, sempre a dinheiro, e normalmente ganhava. Perto, uma pequena mesa com jornais dos quais se destacava um desportivo com um título em caixa alta: SPORTING VOLTA A PERDER. Também dois copos com sinais de terem sido usados e uma garrafa de whisky quase vazia. "Umbelina, você encontrou a aparelhagem de som ligada?" - "Não, mas ouviu-se música muito alto até tarde esta noite. E agora estou a lembrar-me de uma coisa importante, quando as chamei, duas das meninas desceram em camisa de noite, mas houve outra que vinha vestida como tinha andado durante o dia."

"Não diga mais, Umbelina, acho que já desconfio de quem possa ter sido a assassina da Dona Perpétua. Coitada, que de perpétua teve pouco."

Amigos do Inspetor Garrett, digam lá de quem suspeitou a Tia Laurinda, e porquê.

Policiário nº 1148 – Público de 4 de Agosto de 2013

SOLUÇÃO

Grave erro cometeu a polícia ao não recolher o telemóvel encontrado debaixo do corpo da falecida Perpétua. Ficou assim privada de obter a informação que determinou a suspeita da Tia Laurinda sobre quem poderia ter sido o autor do crime. Para já não falar de eventuais impressões digitais reveladoras da identidade da proprietária.

Na realidade, ao verificar que na lista de contactos gravados apenas constavam nomes conhecidos e expectáveis com exceção dos da vítima e da filha Mercês, é lógico supor que o telemóvel deverá pertencer a uma dessas duas personagens. Mas a Tia Laurinda sabia bem que a perecida Perpétua era avessa a todas as modernas tecnologias, portanto não possuía certamente telemóvel. No caso contrário até nem seria natural que faltasse na agenda de endereços o nome de apenas uma das filhas. Assim sendo, o aparelho de comunicação aparecido debaixo do corpo da finada Perpétua não podia deixar de pertencer à Mercês, certamente tombado durante a discussão e a luta corpo a corpo testemunhadas pelo jardineiro.

Que pode ter acontecido? As mensagens lidas no telemóvel pela Tia Laurinda revelavam problemas no pagamento de avultadas dívidas, o que a fez então desconfiar de que o conflito daquela noite entre mãe e filha poderia bem ter origem, além da música ouvida demasiado alta, na exigência por parte da Mercês de apoio financeiro para a liquidação das mesmas. Não se esqueça que ela estava desempregada. O adiantado da hora, a existência muito provável de quezílias anteriores e os efeitos produzidos pela ingestão de whisky em doses exageradas, terão mesmo levado a Mercês a mostrar à mãe o testemunho das mensagens gravadas. Os ânimos exaltaram-se, o telemóvel terá caído, o atizador da lareira estava ali mesmo à mão, e pronto: a ocasião faz a agressão! Depois o grito da agredida Perpétua, a queda do corpo sobre o telemóvel, o alarme provocado pela voz assustada do Zenóbio que nem sequer deu tempo à desnaturada filha para recuperar o aparelho e a fuga precipitada pela escada acima. E foi certamente ela que, perturbada pelo acontecido, nem terá tido a lucidez de mudar de roupa e terá descido a escada sem dar mostras de ter estado a dormir, pois apareceu vestida como tinha andado durante o dia, tal como constatou a Umbelina.

Concluindo, mercê da Mercês verifica-se que não há nada que seja verdadeiramente perpétuo e que ainda não foi desta vez que nem o mau feitio de uma dona de casa desesperada, nem os maus resultados do Sporting, nem uma janela aberta nas traseiras, provocaram um crime.

Policiário nº 1159 – Público de 20 de Outubro de 2013

A MORTE DA CABELEIREIRA

Original de PAULO

Narciso Morais, maldizia a sua sorte. Depois de uma noite sossegada, quando pensava que ia para casa dormir, viera aquela chamada.

Parou em frente do bloco de apartamentos onde fora solicitada a sua presença. Ao entrar no prédio reparou que a porta da rua não fechava.

A vítima morava no 1º andar esquerdo, um apartamento T1 com algum grau de desarrumação.

O corpo estava no quarto e a causa da morte era evidente. Uma faca ao lado do corpo servira para executar a degola. Grande quantidade de sangue sujava o chão.

Duas pessoas aguardavam-no à espera de serem interrogadas. Ouviu-as isoladamente na cozinha.

- Chamo-me Manuela Rebelo e moro nesta rua, logo no início, com os meus pais. Sou cabeleireira e era colega de trabalho da Luísa. Como todas as manhãs, passei aqui para a vir buscar. Hoje cheguei mais tarde, cerca das oito e meia, pois o meu carro não pegava.

Estranhei ela não estar à minha espera e como a campainha da rua está avariada subi. Ao chegar à porta, vi o Arnaldo a sair com sangue na roupa e nas mãos. Ficou assustado ao ver-me, disse que a Luísa estava morta e que ia chamar a polícia. O Arnaldo é o namorado da Luísa, embora ela estivesse a pensar acabar com tudo. Disse-me que ele era violento e que andava a pedir-lhe dinheiro. Sei que por vezes ele passava cá a noite.

Entrei e vi isto. Pouco depois o Arnaldo voltou com a polícia.

Narciso Morais disse que, para já, não tinha mais perguntas a fazer. Mandou sair Luísa e chamou o Arnaldo.

– O meu nome é Arnaldo Moura e trabalho num café aqui em Lisboa, embora more em Almada. Moro sozinho. Saí de casa eram sete horas e apanhei o autocarro para Lisboa. Embora o meu turno só comece às dez horas, vim mais cedo para falar com a Luísa, que andava bastante preocupada. Tinha recebido telefonemas do ex-namorado, um tal Luís Almeida, que lhe não tinham agradado. Cheguei aqui eram quase oito e meia. Subi e vi que a porta estava aberta, o que achei estranho. Eu conhecia bem os hábitos dela e sei que jamais deixaria a porta aberta. Entrei e já sabe que a vi no quarto. Peguei-lhe para ver se ainda estava viva e saí para chamar a polícia. Nas escadas encontrei a Manuela, que me pareceu

um pouco irritada ou nervosa. Não sei bem explicar.

Narciso Morais mandou-o sair.

Viu as horas. Dez e meia. Devia estar a dormir e ainda estava a trabalhar, mas já que tinha começado também queria acabar. Dirigiu-se à sala, pegou no telefone e contactou o seu chefe dizendo-lhe que tinha perdido o sono e que ia continuar a tratar do caso durante o resto do dia.

O médico legista informou-o que a morte ocorrera já depois das oito. Mais pormenores, só depois da autópsia.

Chamou novamente Manuela e Arnaldo de forma a obter alguns elementos que achou necessário possuir para prosseguir a investigação.

Em casa dos pais de Manuela estes referiram ter a filha saído de casa às oito horas ou talvez um pouco depois.

No local de trabalho de Manuela e Luísa disseram-lhe que tinha havido uns mexericos acerca de roubo de namorados, mas que elas nunca tinham demonstrado qualquer tipo de inimizade.

Na sede da Judiciária verificou que Arnaldo e Luís possuíam cadastro. O primeiro fora condenado duas vezes por agressão. O segundo fora apanhado na posse de droga mas não fora provado que fosse traficante. Apenas consumidor.

No local de trabalho de Arnaldo Moura o patrão referiu que nunca tivera qualquer problema com ele. Por vezes chegava um pouco atrasado e cheio de sono, mas nada de muito grave que afetasse o serviço.

Chegou a casa de Luís passava das duas da tarde. Luís vivia com os pais e quem lhe abriu a porta foi a mãe. O filho estava a dormir e Narciso Morais teve que esperar alguns minutos até que um jovem ensonado lhe aparecesse à frente.

Quando soube o motivo da visita ficou baralhado e durante alguns momentos não conseguiu exprimir qualquer ideia. Quando finalmente acalmou, disse:

– Não é possível! Ainda há dois dias lhe telefonei. Tivemos um caso, mas a amiga dela, a Manuela, estragou tudo. Ofereceu-se e eu aproveitei. A Luísa soube e acabou tudo. Devia era ter-se zangado com a Manuela. Mas zangou-se comigo. As duas continuaram amigas.

– A última vez que a vi foi há dois meses, no Terreiro do Paço, no concerto de comemoração dos vinte anos do 25 de Abril. Já tínhamos terminado tudo, mas eu continuo a gostar dela e ultimamente telefonei-lhe algumas vezes para tentar recomeçar.

– Passei esta noite no Porto. Todos os anos vou lá passar a noite de S. João. Fui sozinho. Já de manhã apanhei o comboio e cheguei a casa pouco antes da uma hora. Agora estava a recuperar o sono. Como

estou desempregado tenho todo o tempo do mundo para mim.

Narciso Morais abandonou a casa de Luís Almeida, tendo já uma ideia precisa do que teria acontecido

Tal como Narciso Morais também o leitor não tem dúvidas.

Das hipóteses seguintes, indique a que considera correta.

Narciso Morais acredita que...

A – Manuela é a criminosa;

B – Arnaldo matou a namorada;

C – Luís é o criminoso;

D – Nenhum dos três cometeu o crime.

Policiário nº 1149 – Público de 11 de Agosto de 2013

SOLUÇÃO

A hipótese certa é a B – Arnaldo matou a namorada

1. Para chegar a esta conclusão contribuem três pormenores que mostram que Arnaldo mentiu.

a) Se ele conhecia bem os hábitos da vítima, sabia que esta saía de casa um pouco antes das oito e meia. Não se compreende que fosse a essa hora que ele lá chegasse para falar com ela, correndo até o risco de já não a encontrar.

b) É incompreensível que ele saísse de casa para chamar a polícia quando tinha um telefone à mão. Seria mais fácil, telefonar. Arnaldo ia a fugir após ter cometido o crime, e ao ser apanhado por Manuela improvisou uma história.

c) Finalmente, temos que localizar a história no tempo. Vinte anos depois do 25 de Abril, remete para o ano de 1994, e o dia a seguir à noite de S. João é o próprio dia de S. João, 24 de Junho. Nesse dia houve o bloqueio da ponte sobre o rio Tejo, a partir das 6 horas e 55 minutos, como se pode ler na imprensa da época, e à hora a que Arnaldo diz que apanhou o autocarro já este não poderia passar na ponte. Logo, Arnaldo não dormiu em casa nessa noite.

2. Arnaldo terá ficado em casa de Luísa e de manhã, por motivo de qualquer discussão, provavelmente dinheiro, matou-a. Ao tentar fugir, encontrou Manuela e o resto já é conhecido.

3. Quanto a Manuela, o tempo que demorou de sua casa até à casa da amiga, pode ser explicado pela avaria no carro. Não havendo nada que prove o contrário podemos acreditar na sua história.

4. No que se refere a Luís Almeida nada indica que ele possa estar a mentir.

Policário nº 1159 – Público de 20 de Outubro de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 8

PARTE I

O ÚLTIMO CASO DO INSPECTOR TRINDADE

Original de RIP KIRBY

PARTE II

MISTÉRIO NA PRAIA

Original de RIP KIRBY

O ÚLTIMO CASO DO INSPECTOR TRINDADE

Original de RIP KIRBY

O Insp. Trindade atendeu o telemóvel. Escutou, respondeu. Mandem a brigada, já lá vou, desligou dizendo para mim: acabou o recreio, mataram o Meneguci.

Vicktório Meneguci veio para Portugal em 1960. Em Itália era desenhador, no nosso país enveredou pela moda. Opção acertada, não muitos anos após já existiam os ateliês “Império da Moda”, onde a elite se acotovelava. O ateliê ocupa um quarteirão, forma um cubo de faces revestidas de espelhos. A meio das arestas há uma larga porta recolhida da face do edifício, formando nichos. Numa das paredes de cada nicho, há janelas para o exterior e interior, localizando-se aí o gabinete dos vigilantes. Na outra há cabines telefónicas para uso dos clientes. No interior a partir das portas, formados por vitrinas, partiam largos corredores, cortados por outros, que se estendiam até à porta oposta.

A crescente fortuna levaram-no a chamar para Portugal Giovanni, seu sobrinho e herdeiro para, no futuro, o substituir na direção do negócio. Um letreiro indicava; “SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS”. Trindade empurrou a porta e entramos num gabinete, uma jovem indicou-nos onde estava o sargento. Entramos na Sala de Espera. Silveira, e um individuo, de aspeto requintado, conversavam. Silveira dirigiu-se nos dizendo: “Todas as portas escadas e elevadores estão vigiados”. Muito bem respondeu o Insp. e lançando um olhar ao janota fez um sinal que o sargento entendeu e apresentou-os.

Giovanni teria 1,75m o rosto bem barbeado tinha um tom azulado. Trajava com requinte.

Frente à porta por onde entramos havia outras duas, envidraçadas em cujos vidros, gravados o nome de Vicktório na porta da esquerda. Na outra o nome de Giovanni. Silveira levou-nos ao gabinete de Vicktório.

O Insp. Olhou o corpo que se encontrava estendido no chão. Um cinto de seda azul, fortemente amarrado no pescoço, rosto arroxeadado, olhos esbugalhados e a língua exageradamente saindo da boca eram os sinais de qual a morte.

O Insp, dirigiu-se a uma porta frente àquela por onde entráramos. Dava para um corredor que comunicava com o exterior. Ali havia um vigilante da empresa e um agente da PJ. Era a entrada do pessoal superior. Outra porta semelhante à de Vicktório dá acesso ao gabinete de Giovanni. Voltamos para o gabinete da vítima, o corpo já tinha sido levado. Na parede da direita, vindo da sala de espera,

há uma porta. Silveira apontou-a: Há ali um corredor ao fundo do qual há outra porta que dá para o gabinete de Giovanni. De cada lado desse corredor há um banheiro e um quarto de vestir. Esta porta estava fechada com chave que estava na mesa da vítima. A porta do lado oposto está fechada pelo lado do corredor.

O chão do banheiro de Victório está molhado e no lixo há lenços de papel, manchados de vermelho. O guarda-roupa de Giovanni está repleto de fatos. No chão junto deste está uma toalha de banho usada. As únicas impressões digitais encontradas foram as da vítima.

O médico legista afirma que a morte ocorrera, aproximadamente, uma hora antes do alarme.

Silveira passou umas folhas a Trindade: O resultado dos interrogatórios que Trindade foi lendo e passando-as para mim. Giovanni encontrou o corpo, quando chegou ao escritório às 11 horas, informação confirmada pelo vigilante, e encontrou o tio naquele estado. Telefonou para a polícia. O mesmo vigilante afirmou que o patrão havia entrado às 10h.

Clarisse, a secretária chegou às 9 horas, confirmado no cartão de ponto. Pouco depois chegou uma jovem pedindo uma entrevista com Victório. Trazia um cartão de Giovanni mandou-a para a sala de espera. Esta declaração foi confirmada pelo porteiro do lado Sul que viu entrar a jovem tendo acrescentado que ela mal se equilibrava nos saltos dos sapatos. O patrão costumava chegar às 10 e nessa altura tocava uma campainha, o que não aconteceu nesse dia, para ela lhe ir dar conta do serviço. A jovem visitante era mais alta do que o normal em mulheres e envergava um vestido azul. Sem ser feia tinha umas feições grosseiras e nem o pó que lhe cobria o rosto disfarçava o tom escuro da pele. Às 11h02m foi chamada pelo porteiro da porta nascente para atender uma chamada nos telefones para serviço dos clientes. As chamadas para ali não eram transferidas para o escritório. Não estava ninguém no outro lado. O porteiro confirmou estas declarações e afirmou que a chamada era de um homem. Às 11h04m o porteiro do lado poente atendeu uma chamada de um homem que não se identificou. A ligação era péssima, havia muito barulho, não entendeu o que ele dizia. Todos os porteiros negaram ter visto a mulher de Azul sair do edifício e esta não foi encontrada no seu interior. Giovanni negou ter dado o seu cartão a qualquer mulher, mas os peritos concluíram que a letra era a dele. Neste cartão que havia ficado com Clarisse foram encontradas apenas as impressões desta e de Giovanni. Não muito longe do ateliê encontraram um vestido novo, azul, da marca Meneguci e uns sapatos.

Quem ajuda o Insp. Trindade no último caso da sua carreira?

Policário nº 1152 – Público de 1 de Setembro de 2013

SOLUÇÃO

Apesar da sua extensão a solução deste problema não oferece dificuldades por aí além.

Segundo Clarisse, a secretária rececionista de Victório Meneguci declarou que logo após a sua chegada ao trabalho apresentou-se ali uma jovem, usando um vestido azul, pedindo uma entrevista com Victório e para isso trazia um cartão de Geovani Meneguci.

Clarisse reparou que embora a jovem não fosse feia de todo apresentava umas feições grosseiras e no rosto, apesar do pó que o cobria, notava-se o tom escuro da pele.

Este pormenor faz-nos suspeitar de que a jovem era afinal um homem. O tom escuro da pele seria devido à barba muito cerrada.

Geovani apesar dos peritos afirmarem que a letra era a dele negou ter dado algum cartão seu a uma mulher. No entanto só as suas impressões digitais estavam presentes neste. Este pormenor mais à frente veremos qual a sua importância.

Pelas declarações de Clarisse sabemos que essa jovem era mais alta do que é normal em mulheres e o porteiro que a viu entrar reparou que ela mal se equilibrava nos saltos dos sapatos oque frequentemente acontece com homens que não estão acostumados a usa-los.

Este pormenor embora pareça importante, e deva ser mencionado, não tem a importância que parece, há mulheres que não sabem andar com sapatos de salto alto. A Margarida Pinto Correia é uma delas.

Isto pode levar-nos à conclusão de que Geovani facilitou a entrada de um desconhecido nas instalações da administração para liquidar o tio.

Contudo os cúmplices são sempre perigosos pelo que Geovani resolveu ser ele próprio a executar o seu plano e nesta conformidade apresentou-se na empresa, vestido de mulher, logo que Clarisse chegou entregou-lhe o seu cartão de apresentação. Em presença do cartão a jovem secretária mandou que aquele que ela pensava ser uma jovem entrasse para a sala de espera.

Uma vez aqui Geovani entrou no seu gabinete e pelo corredor que comunicava com o gabinete do tio dirigiu-se para o quarto de banho deste tendo antes fechado a porta do corredor pelo lado de dentro. Um erro que o incrimina.

Tratou de limpar o batom dos lábios e as sombras dos olhos, daí os lenços de papel manchados de vermelho. Depois tomou um banho no quarto de banho do tio para tirar os restos de pintura e eliminar os vestígios do perfume que eventualmente teria usado e de seguida foi ao seu quarto vestir-se com os seus trajes habituais. Mas teve um descuido, deixou ali a toalha de que se servira. Antes limpou todos

os lugares onde poderia ter deixado as suas impressões no banheiro do tio.

Feito isto sentou-se no escritório do tio e esperou a chegada deste que não se teria feito esperar. Logo que Victório chegou não lhe deu tempo a tocar a campainha para chamar a secretária. Passou-lhe pelo pescoço e apertou até estrangula-lo, o cinto de seda azul que pertencia ao vestido que tinha usado para se disfarçar. Ele era bastante mais forte e novo do que o tio pelo que isso não foi tarefa difícil.

Após isto ligou pelo telemóvel para uma das cabines de telefones para serviço dos clientes e pediu para chamarem Clarisse. Como as chamadas para aqueles telefones não podiam ser transferidas para o escritório Clarisse teve que se deslocar até à portaria do lado nascente, mas afinal não havia ninguém no outro lado e ela voltou para o seu posto,

Entretanto Giovani aproveitou a ausência da jovem para sair da sala de espera e dirigiu-se para um dos corredores do lado poente e aqui usando novamente o telemóvel ligou para as cabines obrigando o porteiro a deslocar-se ali para atender o telefone.

Não se identificou e como o ruído era intenso isso não permitiu que o vigilante lhe reconhecesse a voz. Quando o vigilante foi atender o telefone ele aproveitou e escapuliu-se. Meteu-se no carro que precisamente havia deixado ali a jeito e deu uma ou duas voltas ao quarteirão até às 11 horas quando entrou pela porta do corredor que dava acesso ao escritório o que foi testemunhado pelo vigilante. Entretanto já se havia desfeito do vestido azul e dos sapatos que usara.

Entrou no gabinete do tio e deu o alarme.

E assim está desfeito o rolo armado por Geovani Meneguci.

Policário nº 1160 – Público de 27 de Outubro de 2013

MISTÉRIO NA PRAIA

Original de RIP KIRBY

Era uma praia maravilhosa algures em Portugal. Era um extenso areal de cerca de 2 Km, formando um amplo semicírculo de areia muito branca, lisa e limpa. Apesar de todas estas particularidades era pouco ou nada frequentada. Havia quem lhe chamasse a “Praia do Paraíso”!

O areal era rodeado de rochedos e densa floresta o que tornava o acesso à praia bastante difícil e até perigoso por isso ela era tão pouco ou nada frequentada. Os rochedos em cada uma das extremidades do areal entravam mar dentro cerca de 5 metros apenas ficando fora de água durante as marés de Setembro.

Através da floresta havia uma vereda, quase desconhecida, que dava acesso à praia, mas era muito perigosa devido à existência abundante de répteis venenosos.

Praticamente pendurada nos rochedos da ponta Norte da Praia estava uma robusta e bela casa de madeira onde residia um antigo diretor bancário reformado. Mandara construir a casa quando se reformara e viera para ali residir quando enfiuvara.

Na ponta Sul, também encavalitada nas rochas, havia uma cabana onde habitava um velho pescador que subsistia graças aos produtos que retirava do mar e que ali existiam em abundância e que ele ia vender à vila próxima, a um restaurante, todas as manhãs.

Certa altura, depois de o velho ter passado três dias sem lá ter ido levar o pescado o dono do restaurante participou o caso às autoridades competentes.

A Polícia Marítima deslocou-se à moradia do velho pescador e ao chegar lá constatou que o velho tinha sido assassinado com uma facada na garganta que quase o degolara por completo. Entregue o caso à judicária esta entrou em ação tendo em primeiro lugar interrogado o antigo bancário.

Perguntaram-lhe se ele tinha visto o pescador.

– Não, quase nunca o vejo, eu vim para aqui para ficar isolado do mundo por isso não procuro companhia o que não significa que umas vezes por outras não vá até lá à cabana conversar um pouco com ele. Agora já há uns dias, talvez uma semana que não vou lá. Quando preciso de alguma coisa o meu filho vem cá trazer-me.

– Sempre se demora aqui um pouco, mas vai-se embora depressa para evitar que o barco dele fique em seco.

– Às vezes vem por aqui um jovem numa moto de água e quando me vê na praia sempre vem falar comigo. Chama-se Aguiar de Oliveira, é estudante de biologia e as nossas conversas versavam sempre esse tema.

Depois deste interrogatório a polícia esquadrinhou todos os recantos da praia incluindo a vereda que lhe dava acesso onde não foram encontrados sinais recentes da passagem de alguém.

Na extremidade Sul da praia foram encontradas pegadas que dos rochedos se dirigiam na direção da cabana do pescador e desta para os rochedos.

Galgando os rochedos a polícia, depois de caminhar sobre estes cerca de um Km foi até à parte sul destes tendo voltado aí a encontrar pegadas semelhantes às que viram perto da cabana. Havia também o sinal evidente de que ali havia sido estacionada uma moto de água.

Segundo o legista o velho teria sido morto 4 dias antes cerca das 16 horas. Antes não porque essa era a hora a que habitualmente ele voltava a casa de regresso da vila.

Na cabana que apresentava sinais de ter sido revolvida não foram encontrados quaisquer valores assim como nas roupas do velho.

Na vila a Judiciária interrogou o filho do antigo bancário e o estudante de Biologia. O primeiro disse que quando ia à praia era só para levar produtos que o pai lhe pedia via rádio. Nunca se demorava lá muito porque o barco dele era muito pesado e ele não podia arriscar-se a que ele tocasse em seco.

Aguiar de Oliveira respondeu que quando ia para a “Praia do Paraíso” era sempre com a intenção de falar com o Bancário. Ele tinha bastantes conhecimentos de Biologia e sempre o ajudava bastante. Quando não o via dava uma volta ou duas por ali e voltava á vila.

Interrogado se conhecia alguém que tivesse uma mota de água ele indicou um indivíduo conhecido p’lo “Pica-Pau”. O “Pica-Pau” conhecido pela sua dependência de drogas afirmou:

– Há mais de uma semana que não ia para a “Ilha do Paraíso” e muito menos para a extremidade Sul da praia.

Pergunta-se, o assassino foi:

A – O Bancário;

B – O filho do Bancário;

C – O Aguiar de Oliveira;

D – O “Pica-Pau”.

Policário nº 1153 – Público de 8 de Setembro de 2013

SOLUÇÃO

A solução deste mistério está escondida com o rabo de fora na alínea D.

No texto não há qualquer pormenor que nos permita suspeitar dos outros intervenientes na história, mas o Pica-Pau logo se desmascarou ao afirmar que já havia uma semana que não ia à praia e muito menos para a ponta Sul.

Ao fazer esta afirmação ele demonstra que sabe os motivos porque está sendo interrogado pela Polícia.

Policiário nº 1160 – Público de 27 de Outubro de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 9

PARTE I

MERGULHO NA ESCURIDÃO

Original de MARCELO CAMPOS

PARTE II

A VINGANÇA DO MARIDO TRAÍDO

Original de FELIZARDO LOPES

MERGULHO NA ESCURIDÃO

Original de MARCELO CAMPOS

Os dois elementos do Departamento de Investigação Criminal da Polícia Judiciária, Eduardo Bravomonte e o colega de equipa Jorge Miranda, regressam, em marcha lenta, de uma ação de rotina, quando foram ultrapassados por um carro da P.S.P. assinalando a marcha a alta velocidade seguido de um veículo do INEM. Três quarteirões adiante deparam com aqueles veículos estacionados junto a um edifício. Algumas pessoas haviam-se aproximado curiosas, contidas por um dos agentes, os outros dois já haviam penetrado no edifício. Eduardo e o colega conferenciaram entre si e resolveram estacionar, por sua vez, já quando os paramédicos entravam carregados com diversa aparelhagem.

Eduardo identificou-se e o polícia elucidou:

– É no rés-do-chão. Parece que um homem caiu do 3º andar pelo poço do elevador de serviço. Os meus colegas estão lá...

Entraram na ampla sala de receção do edifício e o Inspetor Eduardo entrou na cabine do elevador onde um homem jazia enrodilhado em si próprio. No momento em que o paramédico procurou melhorar a posição da vítima para verificar os possíveis ferimentos, esta abriu os olhos, encarou Edmundo e murmurou:

– Ins...tor Bra... Um fio de sangue saiu-lhe do canto da boca e deixou cair a cabeça.

– Poça... está morto! – elucidou o paramédico, retirando o auscultador que, entretanto, colocara, e cessando as operações de recuperação. Com um suspiro fundo, desabafou:

– Nada mais! É todo seu. Como disse que se chamava? – perguntou.

– Não disse... respondeu o Inspetor, algo aborrecido. – Depois serenou e apresentou-se:

– Não estava de serviço aqui; agora estou. Quero saber o que se passou.

Olhou à sua volta. No reduzido espaço da cabine do elevador, apenas a vítima – que não lhe seria desconhecida; pensava que tinha boa memória para rostos, mas este não se aproximava. Uns óculos pretos, quebrados, uma bengala de cego a espreitar por debaixo do corpo. Procurou a identificação, sem êxito, já que os bolsos do morto continham apenas um lenço sujo e uma nota de cem euros, dobrada. Na mão esquerda, que parecia crispada, abriu-a para extrair um botão branco, grande, ainda com uma linha pegada. Fechou-o num envelope de serviço, perguntando a si próprio de onde provinha. Acabou por recolher os óculos igualmente num envelope, marcando o sítio; saiu da cabine e notou o

grande letreiro na porta: “Avariado, Fora de serviço”.

O colega já tinha feito a sua parte. Segundo informação obtida do polícia que acompanhara o desenrolar das operações, o colega – terceiro elemento da corporação – estava no terceiro andar, com o homem que presenciara a queda e chamara o INEM e conseqüentemente a polícia. Ainda estava de pijama e foi vestir roupa mais própria, logo que chegamos.

O Inspetor fez sinal ao colega, e subiu as escadas até ao 3º andar. Passou junto do elevador cuja porta fechada ostentava igual letreiro ao do rés-do-chão e dirigiu-se ao polícia que esperava frente à porta aberta, de onde saiu um homem de meia-idade, ar descontraído e fato completo. Identificou-se e pediu esclarecimentos.

– Chato, sabe? – começou o homem. – Tenho um estabelecimento de venda imobiliária, bastante próspero. Conhecia o homem, que fora meu contabilista durante sete anos e me ajudou a obter alguns negócios. Depois deixou-me para instalar uma firma de contabilidade por conta própria. Foi “sol de pouca dura”, fez uns desfalques e foi julgado e preso. Na prisão fez parte de uma tentativa de revolta, foi atingido nos olhos por gás ou algo pior, que o terá deixado cego. Depois que saiu da grelha, já fez quatro ou cinco tentativas para me extorquir dinheiro em nome dos negócios que me proporcionou. Hoje dei-lhe cem euros, por dó. A resmungar disse que voltava... acompanhei-o com olhar enquanto avançava tateando com a bengala a parede até chegar ao elevador que estava com a porta aberta; gritei-lhe mas ele entrou e mergulhou nas trevas...corri escada a baixo enquanto chamava o INEM... veio a polícia... Sei lá, pobre desgraçado!

Eduardo bateu a todas as portas naquele andar: não encontrou ninguém. Ficou um pouco pensativo. As engrenagens do seu cérebro que o haviam tornado conhecido “entre os famosos da Judite” – com direito a retrato no jornal, o que o contrariava seriamente –, começaram a encaixar ideias e factos nos seus lugares como peças de “um dominó”. Por fim convidou:

– Venha comigo passar isso ao papel...

Quando se juntaram ao outro polícia, disse calma e deliberadamente:

– Bem, deixem alguém a tomar conta do corpo, até que a “técnica” apareça por aí e o legista, claro, dispense a vítima para a autópsia. Este – e apontava ao próspero comerciante de imóveis – levem-no para a esquadra, preparem tudo para amanhã ser levado perante o juiz. Vou providenciar para que me passem uma busca incriminatória na sua habitação – preciso completar uma prova!

Qual o raciocínio do Inspetor para tal procedimento? Justifique a resposta.

Policário nº 1157 – Público de 6 de Outubro de 2013

SOLUÇÃO

A vítima não era cega – fazia-se – uma vez que reconheceu o Inspetor Bravomonte antes de morrer. As suas últimas palavras assim o indicam “Ins...tor Bra...” e lembremo-nos que Eduardo não se identificara após entrar na cabine, e que, quando chegou junto da vítima sentiu que “esta não lhe seria desconhecida”, decerto por esta já ter sido presa e julgada por desfalques e, portanto, ter passado pela polícia. Não a terá identificado uma vez que se apresentava agora com “óculos pretos e com uma bengala de cego.”

E não sendo cego e sabendo ler (fora contabilista) teria lido a inscrição na porta do elevador. Aliás já subira pela escada os três andares, uma vez que se desconhece a existência de outro elevador (que também não foi usado pelo comerciante, como teria sido natural se um segundo existisse, quando subiu com o polícia para despir o pijama.

Não sendo cego não arriscaria um mergulho na escuridão, tanto mais que prometera voltar (talvez para continuar a chantagem). Foi empurrado gentilmente pelo antigo patrão levando na mão a única coisa que conseguiu agarrar na queda – o botão do pijama (grande e branco, com um bocado de linha).

A busca do Inspetor destinava-se a encontrar um pijama sem botão para completar a prova incriminatória, tanto mais que, não se encontrando mais ninguém naquele andar (o Inspetor “bateu a todas as portas”) aquele botão só podia provir da única pessoa que nele estava, por ocasião do acontecimento – o comerciante. E de um pijama, porque era assim que ele se encontrava vestido, quando o polícia chegou junto dele.

Policiário nº 1163 – Público de 17 de Novembro de 2013

A VINGANÇA DO MARIDO TRAÍDO

Original de FELIZARDO LOPES

Felizardo Lopes, lembram-se? Descrevi-vos aqui, há tempos, um dos capítulos mais marcantes da minha vida: a minha experiência de presidiário.

Terão, possivelmente, curiosidade em saber mais notícias deste ex-recluso – o então 1423. Pois bem, saí da prisão, cumprida pena, mas continuei a penar, depois, durante algum tempo, tentando “navegar” neste difícil mar revolto que a vida hoje constitui. Enfim, subsisti os primeiros tempos graças a um “pecúlio” que tinha “guardado num velho televisor”, no sótão de minha casa – vocês conhecem a história... Ainda lá estava, felizmente. Se assim não tivesse acontecido teria, talvez, tido necessidade de voltar à prática de algum ato delituoso... e ser hoje, de novo, identificado por um número...

Uns meses mais tarde arranjei finalmente emprego. Muito mal pago, claro, mas vai dando para sobreviver...

Livre! A viver mal, mas livre; e agora sei bem que a liberdade é a condição mais importante de que podemos desfrutar! De facto, a vida de prisioneiro, sendo uma experiência que proporciona um manancial de histórias que enriquecerão o “currículo” de vida, não é desejada por ninguém – delinquentes natos, ou primários como eu...

Falei em histórias. Narrei já aqui a minha; outros, lá, contaram-me a deles. Isto porque, “lá dentro”, naqueles longos, tristes e desesperantes dias, muitos sentem a necessidade de confidenciar as razões que ali os levavam. Desabafar, uma forma de nos sentirmos menos sós – e, muitas vezes, tónico para aliviar o peso das consciências...

Porque sei que estas histórias despertam sempre a curiosidade das pessoas, vou partilhar convosco a que me foi narrada por um dos meus ex-companheiros – a dramática experiência de F., o preso nº 1365.

Já lá estava, quando eu entrei. E porque também primário, porque também vítima das condições adversas que a vida, em certas ocasiões, nos proporciona (e ainda porque, ali, ele era um dos que mais sofria com situação e dos mais carentes de apoio), rapidamente nos tornámos amigos e confidentes. Inspirava-me pena pelas razões que sabia que ali o tinham levado... Era o exemplo de como, de um momento para o outro, a vida de um homem feliz e pacato conhece um tal volte face, um virar de página

que transforma a sua existência num inferno e a pessoa num farrapo...

Mas vamos à história. Reproduzo parte da sua narrativa, anos já volvidos após me ter sido contada: “Matei! Pratiquei o crime de homicídio na pessoa de um amigo, ou melhor, de alguém que tinha como tal. Pois, as tais circunstâncias da vida: num dia, amigo de alguém, no outro, seu assassino. Porque o fiz? Descobri que o miserável era amante da minha mulher! Desde quando e quando tudo começara, desconhecia. Mas, a partir das denúncias que passei a receber, fiz investigações e vim a comprovar a sua veracidade. Fiquei desvairado, esmagado pela revelação! Era a minha vida que se desmoronava, que se virava do avesso... Senti vergonha, desespero, raiva... E decidi vingar-me! Dele, especialmente... Ela, pura e simplesmente, repudiá-la-ia, não merecia mais que desprezo, distância como de um cão tihoso... Precisava de uma arma para cumprir a missão que se impunha: disparar sobre o traidor, vingar-me; fazendo-o, descarregava também uma parte da raiva que sentia. Era um imperativo íntimo. Arranji pistola e dirigi-me ao escritório do pulha. Estava sentado à secretária, e exibiu uma expressão de surpresa e temor. Terá compreendido logo, (ou, pelo seu subconsciente culpado, suspeitado), que eu não estava ali para um qualquer ato que pudesse cimentar a nossa amizade. Tentou iniciar uma conversa, esperando ganhar tempo para avaliar as minhas intenções, ao mesmo tempo que manipulava nervosamente uma esferográfica – com a qual o vi, entretanto, rabiscar muito rapidamente algo numa folha de papel, que logo virou – mas apenas conseguiu inquirir, com uma expressão em que se desenhava medo, o que me levava ali. Não lhe dei muito tempo; chamei-lhe miserável, canalha, e puxei da arma. Disparei um, dois, três tiros que o atingiram no peito. Saí de imediato, Não sei se o deixei ainda com vida ou não... Depois do que acabara de fazer, estava cumprida a minha missão, era-me já indiferente qual o seu estado ou o seu futuro. Era, simplesmente, um virar de página na minha vida, uma coisa que eu tinha que fazer. E estava feito. Mas morreu!

Não tardei a ser preso. A minha detenção ocorreu muito rapidamente, mas não constituiu para mim surpresa, consciente que estava que teria que pagar pelo ato que cometera. A situação o que conduzira aquele crime já era conhecida por algumas pessoas, e assim só houve que somar dois mais dois. Além disso, ele acusou-me! Sobre a secretária e sob o seu tronco, nela caído, a polícia encontrou uma folha de papel, manchada de sangue, com apenas uma letra escrita – um L - na face voltada para baixo. Uma pista que a polícia, após curta investigação, bem soube interpretar.”

E ali estava ele, agora, atrás das grades – outro homem, o preso 1365 – expiando o crime que as circunstâncias lhe haviam imposto! Partilhando a sua história comigo, que também nunca previra poder vir a estar naquele local...

Foi há uns anos – mas ele ainda lá está!

Talvez um dia volte com um novo episódio da minha passagem por um período de vida que não me foi grato, mas que me marcou pelas muitas recordações e histórias proporcionadas... Entretanto, porque sei que os meus amigos do “Público Policiário” são “barras” na decifração deste tipo de desafios, colocovos a seguinte questão: qual, dos nomes seguidamente referidos, acham que é o preso 1365?

- A – Lourenço Pires;
- B – Luciano Marques;
- C – Luís Elviro;
- D – Licínio Casanova.

Policiário nº 1158 – Público de 13 de Outubro de 2013

SOLUÇÃO

O que estava escrito na folha de papel encontrada na secretária – e que terá constituído uma boa pista para a polícia chegar à identidade do criminoso? Apenas a letra L, e sabemos que, depois de a escrever e de ser atingido pelos tiros, a vítima a virou ao contrário.

E, pelo texto encontram-se espalhadas várias frases, reforçando esta ideia de virar que, devidamente conjugadas com aquela situação, respondem à questão: “a vida de um homem (...) conhece um tal “volte face”, “um virar de página”; “era a minha vida (...) que se virava do avesso”; “Folha de papel (com um L) na “face voltada para baixo”, etc. , Ou seja, L, que se lê EL . E, com o seu acto de a virar, depois de lhe escrever essa letra, a vítima pretendeu deixar uma mensagem acusação. Porque o EL, acrescido pelo significado que a mensagem pretendeu transmitir (VIRO), proporciona o nome desejado.

Logo, a identidade do preso 1365 é a indicada na alínea C) – Luís Elviro.

Policário nº 1163 – Público de 17 de Novembro de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

PROVA Nº 10

PARTE I

VENHAM DE LÁ ESSES OSSOS...

Original de JÚLIO PENATRA & GÁ

PARTE II

A TIA LAURINDA E O ALBERGUE ESPANHOL

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

VENHAM DE LÁ ESSES OSSOS...

Original de JÚLIO PENATRA & GÁ

A – Este bosque do Tojo é muito agradável: a exuberância da flora, a diversidade e polifonia das aves, as águas cristalinas do ribeiro...

B – Sim, e não só é agradável como é um sítio com história e muitas histórias a seu respeito.

C – É verdade. Em tempos, o povo da Castanheira reunia-se aqui à volta da Ermida da Sr^a do Tojo, a quem eram muito devotos.

B – Realmente, parece que era uma Ermida muito querida das pessoas, mas os franceses maltrataram-na muito. Em 1855 ainda servia para o culto, mas em 1899 já era um monte de ruínas.

C – Conta-se que, certa vez, foi roubado todo o seu recheio de valor e, como a porta parecia ter sido arrombada à machadada, logo acusaram o lenhador, que habitava com a sua família numa cabana aqui perto. Verdade ou mentira, o certo é que o lenhador e a família nunca mais foram vistos na vizinhança, e da sua cabana ficou apenas carvão.

B – Constatou-se que uma assinatura de cruz da declaração de obediência e vassalagem da Câmara da Castanheira ao D. Miguel, aprovada em 1832 e publicada na Gazeta de Lisboa, era desse lenhador, do qual se afirmava ter votado contra tal por defender ideias liberais.

C – Sim, dizia-se que tinha uns 25 anos e era um dos bastardos que os franceses cá tinham gerado na primeira invasão. Ao certo, sabe-se apenas que, a partir daí, lhe fizeram a vida negra, e ele, um latagão, teve de fugir da vila. Uns anos mais tarde, já casado, foi visto por aqui a coxear um pouco da perna esquerda e a viver na tal cabana. Nessa altura a sua história voltou às bocas do povo, apimentada com comentários à manifesta juventude e fraca figura da mulher e à presença de um filho de três anos. Parece que um novo Senhor do Tojo, que chegou e partiu com o 1º governo do Marquês de Loulé, o trazia ao seu serviço, mas ninguém soube de onde se conheciam.

D – Ora “a vida é sempre adaptação”, como disse Marcello Caetano, antes de ontem, na tomada de posse como primeiro-ministro.

A – Eh pá, não tragas a política para o campismo. E se agora nos deixássemos das histórias da história?

E – Boa ideia. Ó C, passa aí a viola do F.

C – Isso também eu queria, mas não sei dela nem do dono.

D – Olhem, vem ali e não traz a viola.

B – Então, F, onde te meteste?

F – Estive acororado, ali, no meio daqueles arbustos, e venho mais rico.

B – Não quererás dizer... mais leve?

F – Não. Acororado, pus-me a esgaravatar no chão com a ponta do meu punhal, e desenterrei esta peça.

B – Mostra cá. Hum... Isto é uma moeda de III reais ou réis, como se dizia, do ano 1868, e na outra face tem escrito LUDOVICUS I DEI GRATIA.

C – É uma moeda de cobre.

B – Então, não me parece que tenhas feito uma grande descoberta, mas talvez lá estejam enterradas algumas moedas de ouro. O melhor seria irmos investigar, mas deixemos isso para próxima semana, se concordarem, porque é tempo de levantarmos a tenda.

...

B – Ora bem, tenda montada, vamos à nossa expedição. Mas é melhor ficar aqui alguém, não venha aí o “guarda do mato” implicar por estarmos cá outra vez e descobrir o que viemos fazer.

A – Devíamos ter um detetor de metais. Assim, fico cá eu.

...

F – Foi aqui!

B – Já deu para perceber.

E – Eu começo neste ponto... Eh, lá! Isto é um osso!

F – E está por debaixo do sítio de onde recolhi a moeda.

D – Cuidado com isso. Temos que escavar com muito cuidado. É melhor irmos buscar as colheres, os garfos e os pincéis da barba...

B – Tragam também a máquina fotográfica, porque não podemos levar isto daqui. Aliás, temos de voltar a enterrar tudo e disfarçar o melhor possível com ervas e musgo. Depois de investigarmos, logo daremos conta da descoberta ao Cabo da Guarda.

...

B – Meu caro G, dá-nos cá uma ajuda. Tu que és um rapaz que até já fizeste Anatomia, analisa estas fotos e diz-nos o que vê nelas o teu douto conhecimento.

G – Ok. Venham de lá esses ossos, ou melhor, as fotos. Ora, temos, então: caveira, úmero, fémur e mão. A caveira é de um caucasiano, tem aqui uma protuberância externa bem marcada no occipital,

maxilar em ângulo reto e queixo um pouco avançado. Aqui, as suturas sagital, coronal e lambdoide já estão fechadas e, ali, a que liga o mastoide ao parietal está quase. Quanto ao úmero...

D – Mede 271 mm.

G – Ok. Está um bocadinho deteriorado e não vejo nada de especial. O fémur...

D – Mede 530 mm.

G – ... parece estar também um bocado deteriorado, mas aqui vê-se bem o sinal da calcificação de uma extensa fratura. Na mão, cada dedo tem ossos incipientes, há grandes espaços entre estes e faltam mesmo alguns. E pronto, é tudo o que posso dizer através destas fotos.

B – Muito bem, a tua informação vai ser muito importante para nós.

...

C – Malta! Finalmente, o meu colega que estagia no LN... disse-me que o solo tem pH à volta da neutralidade e os ossos “morreram” há cerca de 100 a 120 anos.

D – Vá lá! Passados dois meses dos achados temos toda a informação possível a seu respeito.

B – Isto é muito interessante... e mais seria se a nossa descoberta tivesse alguma coisa que ver com a história do lenhador de que falámos.

E – Ó meu! E por que é que havia de ter? Alguém pode explicar-me?

Policiário nº 1161 – Público de 3 de Novembro de 2013

SOLUÇÃO

B – Isto é muito interessante... e mais interessante seria se a nossa descoberta tivesse alguma coisa que ver com a história do lenhador de que falámos.

E – Ó meu! E por que é que havia de ter? Alguém pode explicar-me?

Talvez. Vejamos, então:

– O que foi que aconteceu?

A malta descobriu uma moeda, de cobre, de 3 réis, no bosque do Tojo, em Castanheira do Ribatejo. Quando voltaram à procura de moedas de oiro, o que encontraram foram ossos.

– Quando ocorreram as descobertas?

No último fim-de-semana de Setembro de 1968 e no primeiro fim-de-semana do Outubro seguinte.

– Quais as questões levantadas?

Do texto ressalta que, pelo menos, 2 questões principais se levantaram no espírito da malta:

1ª – Haveria moedas de ouro enterradas no mesmo local?

2ª – Teriam os ossos descobertos alguma coisa que ver com a história do lenhador, de que tinham falado no acampamento do fim-de-semana anterior?

– Quais os indícios recolhidos?

Quanto à moeda:

Para saberem se a descoberta teria alguma coisa que ver com a história do lenhador de que falaram no acampamento anterior, analisaram e concluíram que a moeda, como a inscrição indicava, era do reinado de D. Luís I, e fora cunhada em 1868.

Naquela edição foram cunhadas 100.000 moedas de III réis, em cobre, e só mais tarde, em 1875, foi feita uma nova edição neste material de moedas do mesmo valor, mas em muito maior quantidade.

A moeda não é rara. Hoje ainda há quem as guarde e as possa perder. Tendo sido encontrada num estrato acima dos ossos, a moeda não servia para datação do achado, na medida em que debaixo dela repousava uma infinidade de tempo passado desde as origens até àquele dia da sua descoberta.

Quanto aos ossos, verificaram, como deviam:

a – se eram de animal ou humanos

O texto é claro quanto à caveira, quando diz que se tratava de um caucasiano, um tipo de ser humano. Não uma raça humana, porque não se entende assim, mas um determinado tipo de

desenvolvimento corporal humano resultante da transformação sofrida por adaptação ao seu ambiente ao longo do tempo. Como humanos, terão de considerar-se também os restantes ossos descobertos, pelas suas características e nada se dizer em contrário.

b – se pertenciam a um ou mais indivíduos

No caso presente, o comprimento dos ossos seria a característica mais interessante para responder a esta questão. Em particular o úmero e o fémur, sendo ossos longos, seriam os mais adequados para o efeito. Há maneiras apropriadas de medir um osso, mas o texto refere-se ao comprimento sem especificar como foi medido. No entanto, as diferenças não seriam muito grandes, aceitando-se que um úmero acabado medindo 271 mm possa pertencer a indivíduo adulto, macho ou fêmea, com cerca de 1,50m, um pouco mais no homem e um pouco menos na mulher, enquanto um fémur com 530 mm se aceita pertencer a um adulto macho com cerca de 1,90m. Assim, podemos admitir que o fémur e o úmero descobertos teriam pertencido a indivíduos diferentes, dado que os seus comprimentos não são compatíveis num mesmo indivíduo.

Quanto aos ossos da mão, eles eram incipientes e alguns ausentes, o que mostra não estarem acabados ou terem-se degradado muito mais rapidamente, apesar do pH do solo favorecer a conservação, indicando tratar-se de uma mão infantil, de pouca idade.

Assim, os ossos descobertos teriam pertencido a, pelo menos, 3 indivíduos diferentes, sendo dois adultos e um criança.

c – qual o género e a estatura aproximada

Há várias diferenças que permitem distinguir entre os ossos de um homem e os de uma mulher. No caso presente, seria na caveira que essas diferenças poderiam ser encontradas. Assim, tendo em conta que a caveira apresentava uma protuberância externa bem marcada no occipital, maxilar em ângulo reto e queixo um pouco avançado, que são características do género masculino caucasiano, poderá admitir-se que terá pertencido a um homem, o que vem ao encontro daquilo que poderíamos induzir a partir do comprimento do fémur descoberto. Por isso, pode admitir-se que naquela tumba estaria sepultado um homem com cerca de 1,90 de altura. Poder-se-ia aceitar como plausível que o úmero fosse da mulher com cerca de 1,50m. Desconhece-se o género da criança, mas como estavam todos na mesma tumba, não fica excluído que os ossos tivessem pertencido a um casal - ele um latagão e ela uma fraca figura - e ao seu filho, que bem poderiam ser o lenhador e a sua família.

d – a idade aproximada no momento da morte

Nestas circunstâncias, outra questão que importa estabelecer é a idade dos indivíduos no momento da morte. Não há métodos precisos para o efeito, mas há aproximações que podem ser muito úteis para a investigação. Os dentes são uma fonte importante de informação, mas no texto em apreço eles não foram referidos e, por isso, não poderiam ser considerados na resolução deste caso.

O estado de desenvolvimento dos ossos e do fecho das suturas do crânio, bem como o estado de degradação dos ossos e articulações podem ser úteis em certas situações. No caso presente, apenas os ossos da mão e a caveira poderiam fornecer informação útil, na perspetiva de estabelecer-se uma idade aproximada no momento da morte.

Já vimos que os ossos da mão apontavam para um estádio ainda infantil. Quanto à caveira, podíamos procurar informação na extensão do fecho das suturas cranianas, pois este fecho é um processo que se inicia e conclui em idades relativamente bem estabelecidas para a maior parte dos indivíduos. No entanto, nem todas as suturas fecham completamente ao mesmo tempo, numa determinada idade, em todos os indivíduos. Segundo o texto, as suturas sagital, coronal e lambdoide já estavam fechadas e a que ligava o mastoide ao parietal estava quase. Das suturas indicadas, é habitual que a lambdoide e a perietomastoide sejam as mais tardias a fechar. A primeira, fecha por volta dos 42 anos e, a segunda, cerca dos 51. Assim, com esta informação, poder-se-ia estimar uma idade aproximada para o homem entre os 42-51 anos.

A relação entre o desenvolvimento dos ossos da mão e a idade de uma criança, também está relativamente bem determinada, na medida em que esses ossos, não estando acabados, se vão desenvolvendo e completando à medida que a criança vai crescendo. No pós-morte, os ossos em geral vão-se degradando com o tempo, tanto mais rapidamente quanto menor for a sua idade em vida, embora fatores ambientais, como o pH do solo em que estão sepultados, possam favorecer ou dificultar essa degradação. No caso presente, apenas sabemos que o valor do pH favorecia a conservação. Assim, tomando em conjunto o facto de faltarem alguns ossos e existirem grandes espaços entre os ossos em cada dedo, podia considerar-se com alguma probabilidade que se trataria da mão de uma criança de pouca idade. Quanto à mulher, não seria possível estimar a sua idade, por o úmero não nos fornecer informação que pudesse ser usada nesse sentido.

e – o tempo decorrido entre o momento da morte e o da descoberta

Igualmente importante seria estabelecer-se o tempo decorrido desde a morte até ao momento da descoberta dos ossos. Para este fim, poderia recorrer-se diretamente à análise dos ossos ou a métodos

indiretos, analisando outros materiais que eventualmente os acompanhassem, como tecidos, objetos e outros. Seja qual for a abordagem, não existem métodos perfeitos para o conseguir. No caso presente, já vimos que a moeda não ajudava à datação e que se recorreu à análise de amostras dos ossos. Segundo o texto, estas análises indicaram que a morte dos três indivíduos teria ocorrido há cerca de 100-120 anos. Ora, tendo em conta que a descoberta dos ossos teve lugar em 1968, uns dias após o início do governo de Marcelo Caetano, ter-se-á de concluir que aquelas mortes teriam ocorrido entre 1848 e 1868.

f – a natureza de alguma lesão e a causa da morte

Por vezes, os ossos apresentam marcas que podem ser importantes para ajudar à identificação dos indivíduos ou mesmo para apuramento da causa da sua morte. No caso presente, o texto é praticamente omissivo a este respeito, referindo apenas que o fémur apresentava sinal de calcificação de uma extensa fractura. Esta particularidade pode ser relevante tendo em vista a identificação do indivíduo a que pertenceu, mas não para nos leva a uma possível explicação para a causa da sua morte nem dos que o acompanharam na tumba.

g – mais algumas pistas sobre as identidades

O 1º governo do Marquês de Loulé decorreu de 1856 a 1859, no período em que as mortes terão tido lugar e o lenhador e a família desapareceram, tendo a sua cabana ficado reduzida a carvão, ou seja, entre 1848 e 1868. Por isso, este seria um fator a favor da ideia de que os ossos descobertos poderiam ter pertencido ao lenhador e à sua família.

Vimos que a caveira permitia estimar uma idade do indivíduo à volta de 42 a 51 anos em vida. Segundo a história, em 1832, o lenhador teria 25 anos, logo, em 1856-1859, teria uma idade entre os 49 e 52 anos, o que seria um intervalo de idades compatível com o atribuído à caveira e constitui um dado a favor da possibilidade de esta ter pertencido ao lenhador.

Quando o lenhador voltou à Castanheira, coxeava. Ora, tendo em conta que o fémur, pelo seu comprimento, apontava para um indivíduo com cerca de 1,90m, e que a extensa fratura calcificada que apresentava em morto, em vida, deveria provocar dificuldade no andar, temos aqui dois fatores a favor da possibilidade destes ossos terem pertencido ao lenhador - um latagão coxo.

Finalmente, vimos que o úmero seria demasiado pequeno para pertencer ao homem e demasiado grande para pertencer à criança. Estando este osso também na mesma tumba e igualmente no mesmo estrato dos descobertos, parece razoável considerar-se que a morte do seu proprietário também teria

ocorrido na mesma altura que as outras e também teria alguma proximidade com os restantes indivíduos. Ora, como a história nos diz que a esposa do lenhador seria uma fraca figura, e o comprimento do úmero aponta para uma pessoa com cerca de 1,50m, parece razoável admitir que este osso lhe teria pertencido.

Vimos, ainda, que a mão era de uma criança pequena. Estando, também, estes ossos na mesma tumba e sensivelmente no mesmo estrato que os ossos dos adultos, parece razoável considerar-se que a sua morte terá ocorrido na mesma altura (a datação é aproximada) e, também, teria com os restantes alguma proximidade. Ora, tendo em conta que toda a família do lenhador desapareceu na mesma altura e que dela fazia parte um filho de 3 anos, parece razoável pensar-se que a referida mão teria pertencido ao filho do lenhador.

Nos ossos descobertos, não foram encontrados sinais que pudessem dar uma ideia de qual o meio utilizado para causar a morte. No entanto, face às circunstâncias, conjugando os resultados e as datas com os pormenores da história que chegou aos nossos dias, mais o facto de todos estarem sepultados numa mesma tumba pouco profunda, e o achado ter tido lugar na proximidade do local onde moravam e foram vistos pela última vez, torna plausível que a sua morte não tivesse sido um acontecimento natural e que os restos encontrados tivessem efetivamente resultado de um fim súbito e trágico do lenhador e da sua família, quem sabe se devido às ideias que defendia.

Assim, em resumo, poderemos dizer que, face às características apresentadas pelos ossos e os resultados da sua análise, conjugados com os resultados da análise das datas, dos factos históricos e da história que chegou até aos nossos dias, fica demonstrado ser plausível que os ossos descobertos pela malta campista tivessem pertencido efetivamente ao lenhador e à sua família.

Convenhamos que a investigação foi muito incompleta e conduzida por curiosos. Certamente que uma escavação mais ampla e mais bem orientada poderiam ter dado uma ajuda mais preciosa e permitido um melhor esclarecimento do caso, mas a ficção não foi por aí.

Policiário nº 1166 – Público de 8 de Dezembro de 2013

A TIA LAURINDA E O ALBERGUE ESPANHOL

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

Alberto amava Bárbara, mas esta preferia Celso, que no entanto gostava de Denise, a qual estava apaixonada por Ernesto, que tinha uma inclinação por Filomena, que adorava Gastão, o qual tinha atracção por Heliodora, que não via senão Alberto. A Tia Laurinda, que também fazia parte do grupo embora não se lhe conhecesse qualquer paixão, chamava com humor aos seus oito colegas da Faculdade de Letras, parafraseando Arthur Schnitzler, a "Dança de Roda". Findos os cursos, o grupo promoveu uma viagem a Paris, cidade que a todos fascinava. O objetivo era respirar civilização, lavar as ideias, escapar durante algum tempo à mordida da Censura salazarista e esquecer a "rudeza d'uma austera, apagada e vil tristeza" de que já falava Camões.

Um amigo emprestou uma carrinha de nove lugares e o pai de Bárbara, que tinha uma alta posição na hierarquia militar, conseguiu as autorizações especiais para que os rapazes pudessem passar a fronteira, pois a guerra colonial já ia avançada. E lá seguiram todos para a "cidade luz", animados e felizes.

Paris foi para todos um deslumbramento, o que não impediu que o grupo se esfrangalhasse, dividido por interesses diversos. Celso e Denise passavam a vida na Cinémathèque, encharcando-se em Eisenstein, Buñuel, Renoir e Rossellini. Bárbara e Alberto andaram sempre na moda, nos perfumes e nos joalheiros, chegando mesmo ela a comprar um caríssimo colar de pérolas com o dinheiro que o "papá" lhe dera para prenda de aniversário. Gastão e Heliodora passaram o tempo nos museus e nos cafés à cata de celebridades. Juraram mesmo ter estado no Café de Flore sentados ao lado de Sartre e de Juliette Gréco. Laurinda, Filomena e Ernesto preferiram calcorrear todo o Paris, rua por rua, respirando o ar da civilização e da liberdade.

Foi no regresso a Portugal que as coisas se complicaram. Ao dirigirem-se à fronteira de Vilar Formoso, souberam pela rádio espanhola ter havido nesse dia um grande assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz e que as fronteiras estavam fechadas nos dois sentidos, pelo que tiveram de ficar nessa noite em Salamanca. Eram cerca das cinco horas da tarde quando, depois de instalados num modesto "hostal" perto da Plaza Mayor, foram todos dar uma volta pela cidade, à exceção de Alberto, que preferiu ficar no quarto a descansar. Quando pelas 21.30h se voltaram a encontrar no átrio do "hostal" para o jantar,

Bárbara ficou em pânico. Subira ao quarto e o valioso colar que comprara em Paris e que tinha a certeza de ter visto antes de sair, desaparecera.

Chamada de imediato a polícia espanhola, procedeu-se a um rápido inquérito que teve como conclusões:

1 – Entre as 17 e as 21.30 horas o “hostal” esteve completamente desocupado, apenas com a exceção do rececionista e do hóspede do quarto 11, Alberto. Mais ninguém entrara nem saíra, disse o rececionista.

2 – Segundo o rececionista, todas as chaves, menos a do 11, estiveram no chaveiro durante o período em causa.

3 – Lembrou-se de que se ausentara da receção por volta das 19.50h, pois teve de se deslocar à casa de banho para uma urgência fisiológica.

4 – Mais disse que ao regressar, pelas 20.05h, teve a impressão de que a chave do quarto 15 (o da Bárbara) não estava pendurada da forma habitual.

5 – As cinco raparigas andaram sempre juntas a passear pela cidade, pelo que tinham um álibi inatacável. Só voltaram pelas 21.30h.

6 – Alberto afirmou que no período de tempo em que lhe disseram que o rececionista esteve ausente do posto, tinha a certeza de ter estado ao telefone com amigos em Lisboa para saber pormenores do assalto ao Banco da Figueira e que não saíra do quarto.

7 – Contactados os amigos do Alberto em Lisboa, confirmaram o telefonema. Foram claros ao afirmar que quando finalmente desligaram a longa conversa, já tinha começado há mais de 5 minutos o telejornal das 20 da RTP. E confirmou-se que o telefonema foi feito do quarto 11.

8 – Gastão apresentou como álibi ter andado em lojas um tanto longe do “hostal”, até à hora de fecho, à procura de uma marca de anis que lhe haviam encomendado, e ainda a visitar um museu.

9 – Celso disse ter andado até as livrarias fecharem, à procura de obras de Unamuno na “Calle de los Libreros”, o que foi confirmado. Comprou “Por tierras de Portugal y España”.

10 – Ernesto, que apareceu muito embriagado, declarou ter andado a curtir desgostos de amor, bebendo nos bares em redor da Universidade.

A polícia estava confusa, mas Laurinda tinha já a certeza de que um dos quatro jovens tinha mentido. Qual?

A – Alberto?

B – Gastão?

C – Celso?

D – Ernesto?

Policiário nº 1162 – Público de 10 de Novembro de 2013

SOLUÇÃO

A Tia Laurinda não teve dificuldade em detetar que o colega mentiroso não podia deixar de ser:

A – O Alberto.

O assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz, executado por um comando da LUAR sob as ordens de Palma Inácio, deu-se no dia 17 de Maio de 1967, uma quarta-feira. Foi pois esse o dia em que o colar da Bárbara desapareceu. Mesmo que se possa duvidar da sinceridade da rapariga ou da honestidade do rececionista do “hostal”, há uma mentira que faz imediatamente suspeitar de outra personagem.

O roubo só pode ter sido feito durante a ausência do rececionista, portanto entre as 19.50h e as 20.05h, evidentemente hora espanhola. Alguém, conhecedor da existência do colar e de qual era o quarto da Bárbara, teria retirado a chave do quarto 15 do chaveiro, executado o roubo, e voltado a colocar a chave no seu sítio, antes que o rececionista voltasse. Um quarto de hora seria mais do que suficiente. Ora nos anos sessenta, tal como hoje, a hora espanhola estava adiantada uma hora em relação à hora portuguesa, portanto em Portugal seriam nessa altura entre as 18.50 e as 19.05h. Foi nesse intervalo que se deu o furto.

Notemos agora que os amigos do Alberto para quem ele telefonou afirmaram que o telefonema terminou depois das 20 horas, hora portuguesa e hora de início do telejornal da RTP. Ou seja, o telefonema deu-se pelas 21 horas em Espanha, o que destrói o alibi do Alberto. A essa hora já o colar teria sido roubado, exatamente uma hora antes. Logo o Alberto mentiu quando afirmou que "no período de tempo em que lhe disseram que o rececionista esteve ausente do seu posto, tinha a certeza de ter estado ao telefone" com os amigos de Lisboa. Pode ter roubado o colar ou não, mas a verdade é que mentiu. Era o que se perguntava.

Repare-se ainda que, tanto o Gastão como o Celso, podem não estar a mentir, uma vez que em Espanha os horários da tarde do comércio e dos museus, depois do longo intervalo para almoço e sesta, vão das 17 horas até às 20. Era na altura, e ainda hoje, prática comum. Quanto ao Ernesto, resta-nos desejar que volte a conquistar a Filomena, para segurança do seu órgão hepático.

Notas de rodapé:

Arthur Schnitzler, dramaturgo austríaco, escreveu em 1892 “Liebelei”, peça de teatro traduzida para português com o título de "Dança de roda", em que se descrevem 10 cenas amorosas a dois, em que os amantes se vão encontrando sucessivamente com o par que voltará a aparecer na cena seguinte com

outro parceiro, percorrendo a história um círculo perfeito.

Miguel de Unamuno, escritor espanhol que lecionou na Universidade de Salamanca, editou em 1911 “Por terras de Portugal y España” em que se comentam muitas das características do povo e dos intelectuais de Portugal. Autor e livro infelizmente muito pouco divulgados no nosso país.

Poliçário nº 1167 – Público de 10 de Dezembro de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2013

CLASSIFICAÇÕES

DECIFRAÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

1º ZÉ	(CAMPEÃO NACIONAL)	
2º MISTER H		
3º KARL MARQUES		13º PAULO
4º DETECTIVE JEREMIAS		14º VORSICHT – 25
5º INSPECTOR ARANHA		15º AGENTE GUIMA
6º DANIEL FALCÃO		DETECTIVE CORTÊS
7º CUSTÓDIO MATARRATOS		FINA LIVE
8º INSPECTOR BOAVIDA		JO.COM
9º VERBATIM		NITROLINO
10º A. RAPOSO & LENA		SAMURAI
BÚFALOS ASSOCIADOS		SIRO SAN
12º EGO		VAMP 99

TAÇA DE PORTUGAL

VENCEDOR	–	INSPECTOR BOAVIDA
FINALISTA	–	CUSTÓDIO MATARRATOS
MEIAS-FINAIS	–	DETECTIVE JEREMIAS; FLO
QUARTOS DE FINAL	–	INSPECTOR ARANHA; INSPECTOR GIGAS; PAULO; ZÉ

CLASSIFICAÇÃO DIC ROLAND (AS MELHORES)

- 1º DETECTIVE JEREMIAS
- 2º ZÉ
- 3º INSPECTOR ARANHA
- 4º DANIEL FALCÃO
- 5º CUSTÓDIO MATARRATOS

CLASSIFICAÇÃO MEDVET (AS MAIS ORIGINAIS)

- 1º INSPECTOR GIGAS
- 2º TROIKOSTA
- 3º DETECTIVE JEREMIAS
- 4º PANENKA
- 5º AGENTE ZAPATA

PRODUÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

- 1º VERBATIM
- 2º PAULO
- 3º BÚFALOS ASSOCIADOS
JÚLIO PENATRA & GÁ

PROBLEMAS DE ESCOLHA MÚLTIPLA

- 1º PAULO
- 2º VERBATIM
- 3º FELIZARDO LOPES

POLICIARISTA DO ANO E RANKING

TROFÉU SETE DE ESPADAS (POLICIARISTA DO ANO)

- 1º INSPECTOR BOAVIDA
- 2º ZÉ
- 3º CUSTÓDIO MATARRATOS

TROFÉU DETECTIVE MISTERIOSO (RANKING PÚBLICO-POLICIÁRIO)

- Nº 1 INSPECTOR BOAVIDA
- Nº 2 ZÉ
- Nº 3 CUSTÓDIO MATARRATOS

